

FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Dissertação de Mestrado

**AGRESSIVIDADE NO PERÍODO DA LATÊNCIA ATRAVÉS DO TESTE
CONTOS DE FADAS**

Renata de Rezende Lovera

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Blanca Susana Guevara Werlang

Porto Alegre, janeiro de 2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**AGRESSIVIDADE NO PERÍODO DA LATÊNCIA ATRAVÉS DO TESTE
CONTOS DE FADAS**

Dissertação de Mestrado

Renata de Rezende Lovera

Prof^a. Dr^a. Blanca Susana Guevara Werlang
Orientadora

Porto Alegre, janeiro de 2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**AGRESSIVIDADE NO PERÍODO DA LATÊNCIA ATRAVÉS DO TESTE
CONTOS DE FADAS**

Renata de Rezende Lovera

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica.

Prof^a. Dr^a. Blanca Susana Guevara Werlang
Orientadora

Porto Alegre, janeiro de 2009.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Renata de Rezende Lovera

**AGRESSIVIDADE NO PERÍODO DA LATÊNCIA ATRAVÉS DO TESTE
CONTOS DE FADAS**

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a.Dr^a. Blanca Susana Guevara Werlang
Presidente

Prof^a. Dr^a. Mônica Medeiros Kother Macedo
PUCRS

Prof. Dra. Vera Regina Röhnelt Ramires
UNISINOS

Porto Alegre, janeiro de 2009.

*Aos meus pais, Renato e Maria Eugênia,
pelo exemplo e por todo o investimento
emocional que é a base de minhas conquistas;
Ao meu namorado, César, pelo amor que
incentiva e pelo apoio constante.*

AGRADECIMENTOS

Ao concluir esta etapa, lembro que a realização desta dissertação teve diversos incentivos e apoios; cada um de sua maneira foram essenciais.

Primeiramente, agradeço a minha Orientadora, Blanca Susana Guevara Werlang, por ter me apresentado este “universo” da pesquisa científica. Pelo acolhimento, por acreditar em meu potencial, pelas trocas em cada orientação, sempre embasadas em sua grande experiência e pela aprendizagem que esta convivência proporcionou.

À CAPES, pelo incentivo à pesquisa, patrocinando a realização deste estudo, assim como tantos outros.

À minha irmã Juliana, para quem sou exemplo; e aos meus avós, que vibram comigo em cada conquista; pelo amor, que me estimula a ir além.

Ao Grupo de Intervenções em Comportamentos Violentos, pelo acolhimento, pela convivência; agradeço por todo o suporte, sempre que necessário, e pelos momentos especiais vividos neste período. Um agradecimento especial à bolsista Raquel Santiago, por todo carinho e atenção, pela disponibilidade em todos os momentos e pela ajuda, desde o início do projeto. À Katherine Flach e Samanta Antoniazzi, igualmente, meus agradecimentos, pelo auxílio, alegria, pela permanente atenção na realização de qualquer pedido.

À equipe do projeto de Adaptação Brasileira do Teste Contos de Fadas, agradeço pelo auxílio nas aplicações do instrumento.

À colega e amiga Adriana Gobbi, pela convivência que tornou a realização deste estudo mais agradável. Pelas trocas, conversas e apoio nas constantes dúvidas, descobertas e aprendizagem do Teste Contos de Fadas.

Pelo incentivo e por estar sempre ao meu lado em cada etapa e vitória, mesmo à distância, meu muito obrigada à grande amiga, Aline Néglia. Agradeço especialmente, também, à colega e amiga Jucélia Cardoso, pela compreensão nos momentos em que estive mais ausente, por toda ajuda, proporcionando-me tranquilidade para realização deste objetivo.

À Viviane Souto, pelo *holding*, pelas palavras carinhosas, por sua escuta e pelos intensos momentos compartilhados que alicerçaram esta e outras conquistas essenciais.

Às escolas que abriram suas portas e receberam a pesquisa, agradeço à disponibilidade e o acolhimento dos profissionais que auxiliaram a realização deste estudo. Neste contexto, agradeço especialmente aos pais, que autorizaram a participação de seus

filhos, e a cada criança que participou da pesquisa, pela possibilidade do contato com seu mundo interno, através de suas histórias e de sua imaginação, e pelo rico aprendizado que estes momentos proporcionaram.

A todos que, diretamente ou indiretamente, serviram como base para esta conquista, meu muito obrigada!

RESUMO

Como uma das ações desempenhadas pelos seres humanos, encontra-se a agressão - comportamento que faz parte do cotidiano das pessoas, e, se bem gerenciada, auxilia o indivíduo a se afirmar e a obter satisfação, considerando o contexto social no qual está inserido. Entretanto, a agressão está comumente associada à violência, que é considerada um comportamento mal-adaptativo, como caráter destrutivo das pessoas. Presente desde as etapas iniciais do desenvolvimento, torna-se relevante compreender o fenômeno psíquico da agressão na infância, como forma de conhecer e definir formas de intervenções adequadas na clínica psicológica infantil com o objetivo de ações de prevenção. Para tanto, foram elaboradas duas seções de estudo: uma teórica e uma empírica. A seção teórica apresenta uma revisão da contribuição dos teóricos da psicanálise para compreensão da agressividade. Discute-se a importância da agressão para os diferentes autores e também se contextualiza como a agressividade está presente nas fases do desenvolvimento infantil, a partir de um enfoque no período da latência. Nesta etapa do desenvolvimento, que se caracteriza por um equilíbrio entre impulso e defesas mais elaboradas, a utilização de mecanismos defensivos, como a sublimação, instrumentaliza a criança para superar situações difíceis de caráter agressivo. Na seção empírica, é retratado um estudo quantitativo, do tipo transversal, que busca identificar a presença de evidências de conteúdos agressivos nas respostas ao Teste dos Contos de Fadas (TCF), instrumento projetivo temático. Participaram do estudo 72 crianças dos sexos feminino e masculino, com idades entre 6 e 11 anos, de escolas públicas e privadas da cidade de Porto Alegre. A fim de obter dados que caracterizem os participantes, foi utilizada uma Ficha de Dados Sociodemográficos. Para excluir casos com suspeita de comprometimento intelectual, foi administrado o Teste Matrizes Progressivas Coloridas de Raven - Escala Especial. Todo o material verbalizado pelas crianças ao Teste dos Contos de Fadas (TCF) foi avaliado por três juízes (J1, J2 e J3) que realizaram avaliações com base no sistema de categorização de respostas. Para avaliar o grau de concordância entre eles, foi utilizada a estatística Kappa. Posteriormente, foi realizado um levantamento de frequências dos tipos de conteúdos agressivos identificados nas respostas e, para a comparação entre grupos e associações das variáveis conforme escola, sexo e idade, temática/conflito da série de cartões, foi utilizado o Teste Exato de Fisher. Os resultados mostram que o grau de concordância entre os juízes, na sua maioria, foi satisfatório, uma vez que a concordância alcançada foi, predominantemente, de valores moderados, substanciais e quase perfeitos na maioria das categorias da agressão. Os conteúdos agressivos com maior frequência de respostas foram: Medo de Agressão ($f = 54$), Agressão Tipo A ($f=49$) e Agressão como Retaliação ($f=34$). Foi identificada associação significativa entre a variável Agressão Tipo A e sexo masculino ($p=0,042$). Foi possível identificar as frequências da variável agressão em seis das sete séries de cartões (Chapeuzinho Vermelho, Lobo, Anões, Bruxa, Gigante, Cenas do Conto Chapeuzinho Vermelho). Os resultados obtidos apontam que, mesmo o período da latência sendo considerado um período de “espera” para as etapas posteriores, na qual a criança está mais calma, é possível identificar a existência de motivações que levam a criança a agir de forma agressiva.

Palavras-chave: Agressão, Latência, Teste Contos de Fadas (TCF), Técnica Projetiva.

Área conforme classificação CNPq: 7.07.00.00-1

Sub-área conforme classificação CNPq: 7.07.01.00-8 (Fundamentos e Medidas da Psicologia)

ABSTRACT

AGGRESSION IN LATENCY MEASURED BY FAIRY TALE TEST

Aggression is one of the actions performed by humans that can be define as a behavior that is part of the daily lives of people, and if well managed, helps the individual to become established and to obtain satisfaction, considering the social context in which it is inserted. However, the aggression is commonly associated with violence, which is considered a bad adaptive behavior as destructive character of the people. This can be found since the early stages of development, and it is important to understand the phenomenon of psychological aggression in childhood as a way to meet and identify ways to appropriate intervention in child clinical psychology with the goal of the preventive actions. In order to accomplish this goal, two study sections were developed: a theoretical and an empirical. The section presents a review of the theoretical contribution of psychoanalysis to the understanding of aggression. It discusses the importance of aggression for the various authors and also contextualizes such as aggressiveness is present in the infant stages of development, from a focus on the latency period. At this stage of development, characterized by a balance between impulse and more elaborate defenses, the use of defensive mechanisms such as sublimation, help the child to overcome aggressive difficult situations. In the empirical section, is portrayed a quantitative study, a cross section type that identify the presence of evidence of aggressive content in the responses to the Fairy Tale Test (TCF), a projective instrument theme. The participants of the study were 72 female and male children, aged between 6 and 11 years of public and private schools in the city of Porto Alegre. A socio-demographic data form was used for the sample characterization. To delete suspicious cases of intellectual impairment was given the Raven's Progressive Matrices - Special Scale. All material expressed by the children to the Fairy Tale Test (FTT) was evaluated by three judges (J1, J2 and J3), which made assessments based on the categorization system of the test. To assess the degree of agreement between them, it was used the statistic Kappa. It was subsequently conducted a survey of frequencies of the aggressive types identified in the responses, and for comparison between groups and associations of the variables as school, sex and age, thematic/conflict in the series of cards, it was used Fisher's Exact Test. The results show that the degree of agreement among the judges were mostly satisfactory, since the agreement was achieved predominantly values of moderate, substantial and almost perfect in most categories of aggression. The aggressive content with greater frequency of responses were: Fear of Aggression ($f = 54$), Aggression Type A ($f = 49$) and Aggression as Retaliation ($f = 34$). It identified a significant association between the variable Aggression Type A and males ($p = 0.042$). It was possible to identify the frequencies of variable aggression in six of the seven sets of cards (Little Red Riding Hood, Wolf, Dwarfs, Witch, Giant, Little Red Riding Hood Scenes). The results suggest that even the period of latency is considered a period of "waiting" for the later stages, in which the child is more calm you can identify the existence of motives that lead the child to act aggressively.

Keywords: Aggression, Latency, Fairy Tale Test (FTT), Projective Technical.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS.....	11
LISTA DE QUADROS.....	13
LISTA DE SIGLAS.....	14
INTRODUÇÃO	15
SEÇÃO I	24
Compreensão Teórica da Agressividade na Infância	24
Contribuição dos Teóricos da Psicanálise para compreensão da Agressividade.....	26
A agressividade nas Fases do Desenvolvimento	36
Considerações Finais.....	39
SEÇÃO II.....	41
Agressividade no Período da Latência Através do Teste Contos de Fadas.....	41
Método	44
Amostra	44
Instrumentos	44
Procedimentos para coleta de dados	53
Resultados	54
Discussão.....	63
Considerações Finais.....	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO.....	72
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	74
ANEXOS.....	79
Anexo A Carta de Aprovação da Comissão Científica da Faculdade de Psicologia da PUCRS.....	80
Anexo B Carta de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS.....	82
Anexo C Carta aos pais e aos responsáveis.....	84
Anexo D Ficha de dados sócio-demográficos.....	86
Anexo E Termo de consentimento livre e esclarecido.....	89

LISTA DE TABELAS

TABELA 1.	Distribuição em termos de frequência e porcentagem da série atual frequentada pelos participantes do estudo (n=72)	20
TABELA 2.	Distribuição em termos de frequência e porcentagem das pessoas com quem a criança reside (n=72)	21
TABELA 3.	Distribuição em termos de frequência e porcentagem de renda familiar mensal dos participantes	21
TABELA 4.	Distribuição em termos de frequência e porcentagem da classe econômica dos participantes (n=72)	55
TABELA 5.	Sumários dos resultados da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3 e J1-J2-J3, em todas as variáveis de agressão, considerando todos os cartões (n = 72)	56
TABELA 6.	Frequências de respostas da variável Agressão conforme Escola, Sexo e Idade (n=72)	58
TABELA 7.	Associação entre as variáveis da agressão e sexo (n=72)	59
TABELA 8.	Associação entre as variáveis da agressão e idade (n=72)	59
TABELA 9.	Associação entre as variáveis da agressão e tipo de escola (n=72).....	60
TABELA 10.	Sumário de frequências da variável Medo de Agressão nas séries de cartões - Chapeuzinho Vermelho, Lobo, Anões, Bruxa e Gigante (n=54)	60
TABELA 11.	Sumário de frequências da variável Agressão Tipo A nas séries de cartões - Lobo, Anões, Bruxa, Gigante e Cenas da Chapeuzinho Vermelho (n=49)	61
TABELA 12.	Sumário de frequências da variável Agressão como Retaliação nas séries de cartões - Chapeuzinho Vermelho, Lobo, Bruxa e Gigante (n=34)	61
TABELA 13.	Sumário de frequências da variável Agressão Oral nas séries de cartões - Lobo e Gigante (n=29)	61
TABELA 14.	Sumário de frequências da variável Agressão por Inveja na série de cartões - Bruxa (n=25)	62
TABELA 15.	Sumário de frequências da variável Agressão por Ciúme nas séries de cartões - Chapeuzinho Vermelho, Lobo, Bruxa e Gigante (n=16)	62

TABELA 16.	Sumário de frequências da variável Agressão como Dominância nas séries de cartões - Bruxa e Gigante (n=12)	62
TABELA 17.	Sumário de frequências da variável Agressão Instrumental nas séries de cartões - Lobo, Bruxa e Gigante (n= 9).....	63
TABELA 18.	Sumário de frequências da variável Agressão como Defesa nas séries de cartões - Chapeuzinho Vermelho, Lobo, Anões e Gigante (n=54)	63

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1.	Composição da série de cartões do Teste Contos de Fadas na ordem de apresentação quando da administração do instrumento.....	46
QUADRO 2.	Perguntas realizadas nas sete séries de cartões do Teste Contos de Fadas quando da administração do instrumento	47
QUADRO 3.	Temas e conflitos eliciados na Série de Cartões do Teste Contos de Fadas	48
QUADRO 4.	Definição da variável agressividade conforme Coulacoglou (1995/2000,2002a, 2002b, 2008)	50

LISTA DE SIGLAS

AGRA	Agressão Tipo A
AGRCI	Agressão por Ciúme
AGRDEF	Agressão como Defesa
AGRDOM	Agressão como Dominância
AGRINV	Agressão por Inveja
AGRINS	Agressão Instrumental
AO	Agressão Oral
AGRRET	Agressão como Retaliação
MA	Medo de Agressão
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
TCF	Teste Contos de Fadas

INTRODUÇÃO

Esta dissertação de mestrado, intitulada “*Agressividade na Latência através do Teste Contos de Fadas*”, foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. É uma produção decorrente de um projeto maior de pesquisa, que tem como principal objetivo criar subsídios para a adaptação brasileira do Teste Contos de Fadas (TCF), com o intuito de oferecer um instrumento confiável para a identificação de aspectos da dinâmica da personalidade infantil. O referido projeto está inserido no grupo de pesquisa “*Prevenção e Intervenção em Comportamentos Violentos*”, coordenado pela professora Dr^a. Blanca Susana Guevara Werlang.

Pensar sobre a vida em sociedade é perceber que os seres humanos se diferenciam pelas suas características e seus comportamentos, resultados tanto de sua estrutura biológica, do contato com o meio social em que estão inseridos como das experiências e identificações, que estão presentes em suas vidas desde o nascimento. O comportamento dos indivíduos, então, é um dos principais pontos a ser estudado quando se pensa na convivência social da humanidade. Como uma das ações desempenhadas, encontra-se a agressão, comportamento que acompanha a vida humana ao longo de seu desenvolvimento.

Atualmente, a agressividade fora do controle tem marcado presença na vida em sociedade e, mesmo considerando as inúmeras tentativas de se compreender a sua origem, a humanidade vem sofrendo com a agressividade, que se apresenta, cada vez mais, com muita força e intensidade destruidora, comumente associada a condutas violentas (Werlang, Sá & Macedo, 2006). Sendo assim, torna-se relevante, como expressam Gerrig e Zimbardo (2005), a compreensão deste fenômeno para que se possam reduzir os níveis sociais de manifestações agressivas associadas à violência.

A agressividade é considerada um aspecto estruturante para o psiquismo do indivíduo, presente nas diversas fases do seu desenvolvimento, estando estreitamente relacionada com o desenvolvimento de uma personalidade saudável, que atua nas relações interpessoais e funcionamento familiar (Coulacoglou, Souyouldjoglou & Atsaros, 2002). Sendo um motor para o desenvolvimento humano, é considerada uma força de vida, tão importante como as outras funções básicas de alimentação, de reprodução e a de capacidade de fuga frente a situações de risco (Werlang, Sá & Macedo, 2006).

Por outro lado, a agressividade também está vinculada a comportamentos inadaptados, como desordens de conduta, roubo, e comportamentos anti-sociais. A conduta agressiva, conforme Dorsch, Häcker e Stapt (2001), pode ser dirigida a outras pessoas e objetos e, igualmente, também pode voltar-se contra o próprio indivíduo. Tal ação pode ser desencadeada em situações em que a própria pessoa se vê “pressionada por exigências da sociedade, reprimida com vistas à adaptação social ou, ainda, quando inibida por resistências externas (ódio de si mesmo, dano causado a si mesmo, suicídio, masoquismo)” (p. 25).

Na sociedade contemporânea, existe, por um lado, uma grande quantidade de estímulos que facilitam a sublimação do potencial agressivo. Assim, os seres humanos podem desviar a agressividade ou transformá-la de negativa para positiva, através de atividades produtivas e criativas. A agressão, então, segundo La Porta (1984), pode fornecer energia para atividades laborais, para o empreendedorismo e condutas ambiciosas e para o estudo de maneira geral. Hoje estes aspectos são estimulados e operacionalizados através de um amplo contato com as informações e as tecnologias avançadas que possibilitam o rápido acesso ao conhecimento. Sem dúvida, as pessoas precisam encontrar meios e alternativas para evacuar a agressividade, pois esta tendência é carregada de forte potencial dinâmico e, se não for “descarregada”, pode gerar tensões muito desagradáveis, como explosões muito violentas por acumulações dessas tensões (Collette, 1971). Entretanto, este mesmo indivíduo que se depara com uma gama de possibilidades que visam ao seu crescimento, através da utilização de potencial agressivo de forma “positiva”, precisa igualmente enfrentar um contexto destrutivo e se defender da intensa violência da sociedade na qual está imerso. E, na base desta violência contemporânea, encontra-se a manifestação hostil da agressividade através de atos agressivos desmesurados, em que o homem agride o seu semelhante e, até mesmo, a si próprio, por maneiras, cada vez mais violentas visando à destrutividade (Werlang, Sá & Macedo, 2006).

Dorsch, Häcker e Stapt (2001) entendem que a agressão pode se manifestar de várias maneiras e com tom de intensidade diferente, desde reações primitivas (morder, bater, pisar) a reações mais elaboradas (desvalorizar, diminuir). Nesta mesma direção, para Coulacoglou, Souyouldjoglou e Atsaros (2008), os atos agressivos podem ser classificados de diferentes formas: de acordo com suas conseqüências (maligno, benigno, construtivos, destrutivos), com suas expressões (hostilidade, emotividade, irritação).

Segundo Coulacoglou, Souyouldjoglou e Atsaros (2008), um dos primeiros movimentos feitos pelos seres humanos, ao se depararem com condutas agressivas é tentar compreender o que motivou tal comportamento. Em certas ocasiões, nem sempre são identificadas as causas evidentes da conduta violenta; entretanto, entre os motivadores mais comuns encontrados, está a inveja, o desejo de dominação do outro, a defesa própria. A agressividade, então, pode ser observada com certa facilidade no comportamento dos indivíduos, através de seus atos agressivos; mas para compreender o motivo que desencadeia tal comportamento, é necessário avaliar a dinâmica da personalidade do indivíduo.

Neste contexto avaliativo, o psicólogo dispõe, entre outras estratégias, de testes projetivos que se propõem “explorar” o mundo interno do sujeito. Estes instrumentos podem, segundo Werlang, Fensterseifer e Lima (2008), ser utilizados na avaliação da personalidade e de outros elementos (relações interpessoais, dinâmica familiar) que se mostrem importantes para a compreensão do sujeito ou de uma situação vivenciada ou percebida por ele. Na “leitura” de um fenômeno projetivo, afirmam as autoras, deve se considerar a percepção externa que um indivíduo tem de determinado estímulo, que é influenciada e determinada pelo seu mundo interno. Na administração deste tipo de instrumentos, Werlang, Fensterseifer e Lima (2008) destacam que, já nas instruções, fica claro que cada um deve valer-se de seus recursos próprios para criar sua hipótese, o seu sentido ou a sua história para determinada figura, ou sua resposta para a mancha de tinta. Então, frente a um dado da realidade, estas autoras entendem que cada indivíduo constrói um sentido a partir de sua subjetividade e de seu mundo interno. Portanto, tendo como base o conceito de projeção, originário da teoria psicanalítica, a técnica projetiva supõe a existência de aspectos não conscientes da personalidade; os materiais de prova e as instruções são, desta forma, perguntas indiretas, com respostas também indiretas, representadas pelas reações do sujeito, sobre aquele aspecto de sua estrutura psicológica do qual não tem consciência e é incapaz, por tanto de comunicar diretamente (Rapaport, 1971).

A teoria psicanalítica, através de seus teóricos, tem contribuído para a compreensão da agressividade e de seu dinamismo a partir das fases do desenvolvimento psicosssexual infantil. A psicanálise entende que a agressividade está presente, desde muito cedo, na estruturação do psiquismo, possuindo diferentes formas de manifestações. A agressividade no estágio oral pode apresentar, por exemplo, um intenso caráter canibalístico, após a

aparição dos dentes. O primeiro contato com o mundo exterior, feito nesse momento, está associado a um caráter destrutivo e sádico, através da mordida (Klein, 1927; Kusnetzoff, 1982). Na fase posterior em que o prazer é extraído da zona anal e da função excretora, a partir de uma rede de significações ligadas a fatores sociais, o aspecto sádico encontra-se no prazer da crueldade, dominação e posse do outro, atos que estão estreitamente conectados às satisfações anais e que podem aparecer através de atos hostis dirigidos aos pais. Na fase fálica, em que a criança vivencia o Complexo de Édipo, os desejos edípicos, cheios de rivalidade existentes, podem trazer um enorme conflito devido aos intensos sentimentos de ódio, inveja e competição hostil, todos amplificados por identificações e desejos de amor por cada um dos pais (Tyson, 1993).

Em termos de desenvolvimento psicosssexual, após a finalização do Complexo de Édipo, inicia-se a latência que, segundo Urribarri (1999), pode ser entendida como um período em que há um esforço realizado no sentido de organização, diferenciação, sofisticação e ampliação do aparato psíquico. Como consequência desses esforços, ocorre uma reordenação dinâmica e estrutural das pulsões. Há uma reorganização da estrutura defensiva egóica, e é nesse atuar conjunto de diversos mecanismos defensivos com fins sublimatórios que se caracteriza a latência normal (López & Nunes, 2003, Urribarri, 1999). Como resultado do equilíbrio entre impulsos e defesas mais elaboradas, a criança, no estado de latência, torna-se mais calma, manejável e educável (Ferreira & Araújo, 2001). Com o recalçamento do Édipo, a energia da libido fica, temporariamente, deslocada de seus objetos sexuais (Sarnoff, 1995; Rappaport, Fiori & Davis, 1981). Como esta energia é permanentemente gerada, não pode ser simplesmente eliminada ou reprimida, é preciso que ela seja canalizada para outras finalidades. A este processo de canalizar uma energia inicialmente sexual em uma energia mobilizadora chamamos de “realizações socialmente produtivas de sublimação” (Rappaport, Fiori & Davis, 1981, p. 44).

Nesta dissertação, procurou-se identificar tipos de manifestações agressivas em crianças no período evolutivo da latência, a partir das respostas emitidas ao instrumento de avaliação projetivo, o Teste dos Contos de Fadas. Identificando e analisando manifestações e tipos de conteúdos agressivos, na fase da latência, será possível conhecer e definir formas de intervenções adequadas na clínica psicológica infantil com o objetivo de ações de prevenção. O objetivo geral, então, foi identificar a presença de evidências de conteúdos agressivos nas respostas ao Teste dos Contos de Fadas (TCF), em crianças com idade entre 6 a 11 anos.

Inicialmente, para o desenvolvimento desta dissertação foi elaborado para apreciação e avaliação da Comissão Científica da Faculdade de Psicologia (ver Anexo A) o projeto intitulado “*Agressividade no Período da Latência Através do Teste Contos de Fadas*” que, como mencionado, insere-se em um projeto maior “*Adaptação Brasileira do Teste Contos de Fadas*”, que foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS (ver Anexo B). Obtidas estas aprovações foram realizados contatos com instituições escolares públicas e privadas da cidade de Porto Alegre, que possuíam estudantes com idade entre 06 e 11 anos, para operacionalizar o estudo.

A pesquisa foi explicada aos diretores das escolas, e àqueles que acolheram a proposta foram entregues cartas para serem encaminhadas pelo estudante aos pais ou responsáveis (ver Anexo C), conjuntamente com os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (ver Anexo D) e uma Ficha de Dados Sociodemográficos (ver Anexo E).

Esta Dissertação apresenta duas seções e foi organizada de acordo com o Ato Normativo nº 002/07 de 06/11/2007 do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS. A primeira seção é de cunho teórico, intitulada “*Compreensão Teórica da Agressividade na Infância*”, e a segunda, de cunho empírico, responde ao projeto de pesquisa, tendo como título “*Agressividade no Período da Latência Através do Teste Contos de Fadas*”.

A Seção I teve como objetivo a elaboração de uma revisão da literatura a respeito do conceito *agressividade*, sendo embasada por idéias de pensadores da psicanálise, à luz dos aportes teóricos de Freud (1905/1989, 1914/1976, 1920/1976, 1930 [1929] 1974), Klein (1927, 1974, 1975a, 1975b), Winnicott (1939, 1950, 1956), Anna Freud (1986), Bion (1966), Bowlby (1984), Collette (1971), Fromm (1973). Dentre estes pensadores, um grupo caracteriza a agressividade como intrínseca à constituição do sujeito, enquanto outro a define como resultado da inadequação de fatores ambientais, culturais e/ou biológicos. Buscou-se, igualmente, caracterizar este fenômeno nas diferentes etapas do desenvolvimento infantil, destacando o período da latência como etapa na qual os impulsos agressivos expressam-se de maneira mais elaborada, decorrente de características especiais da dinâmica da personalidade infantil nesta fase.

A Seção II retrata um estudo quantitativo e transversal, operacionalizado a partir da administração dos instrumentos Raven – Escala Especial e o Teste Contos de Fadas em 72 crianças, com idade entre 06 e 11 anos. A amostra foi localizada por conveniência em escolas públicas e privadas da cidade de Porto Alegre. A partir do critério de classificação -

tipo de escola, o total (72) de sujeitos compreendeu dois subconjuntos de 36 cada um, conforme o tipo de escola. Cada um desses subconjuntos foi novamente dividido por dois outros de 18 crianças cada um, de acordo com o critério de classificação: sexo masculino e feminino. Por sua vez, cada um deles foi constituído novamente por mais dois outros subconjuntos de 9 sujeitos cada um, de acordo com o critério de classificação idade, compreendendo menor idade (6 a 8 anos) e maior idade (9 a 11 anos). Para melhor compreensão da organização da amostra, ver Figura 1.

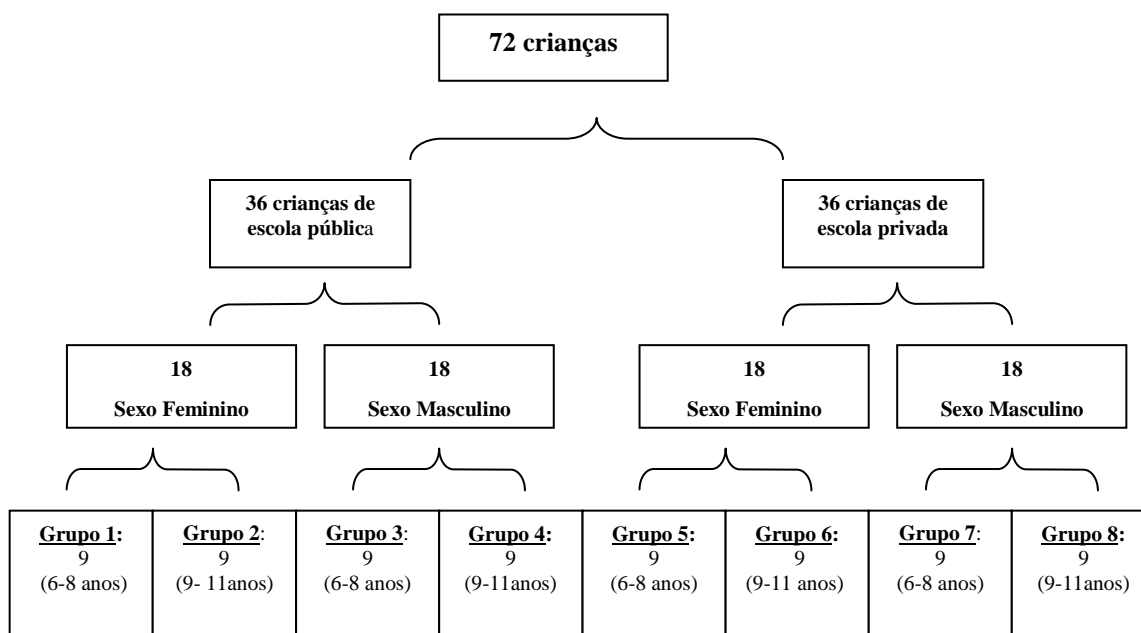


Figura 1 Processo de amostragem na cidade de Porto Alegre (n=72)

A categorização da amostra foi feita a partir da Ficha de Dados Sociodemográficos preenchida pelos pais ou responsável pela criança. A partir dela foi possível constatar que participaram deste estudo crianças de 14 escolas da cidade de Porto Alegre (10 escolas públicas e 4 escolas privadas). Em relação à distribuição das séries em que os participantes estudam, os dados podem ser observados na tabela 1.

Tabela 1. Distribuição em termos de frequência e porcentagem da série atual freqüentada pelos participantes do estudo (n=72)

Série	<i>f</i>	%
Pré-escola	8	11,1
1ª. série Ensino Fundamental	10	13,9
2ª. série Ensino Fundamental	17	23,6
3ª. série Ensino Fundamental	10	13,9
4ª. série Ensino Fundamental	12	16,7
5ª. série Ensino Fundamental	15	20,8
Total	72	100

Dos 72 participantes, apenas 2 (2,7%) repetiram alguma série; resultado que pode estar relacionado com a opinião dos pais ou responsáveis sobre o desempenho escolar das crianças, já que a grande maioria das crianças apresenta um desempenho considerado ótimo 47 (65,3%) e bom 20 (27,8%). Entretanto, os professores apresentam queixas de 10 (13,8%) dos participantes; os tipos de queixas mais frequentes são: falta de atenção, desorganização, conduta inadequada (palavrões e brigas) e outras não especificadas. Sobre o núcleo familiar em que os participantes estão inseridos, os dados revelam que a maior parte reside com pais e irmãos. Detalhes sobre as configurações familiares e a renda familiar dos participantes podem ser mais bem visualizados nas Tabelas 2 e 3.

Tabela 2. Distribuição em termos de frequência e porcentagem das pessoas com quem a criança reside (n=72)

Com quem mora?	<i>f</i>	%
Mãe e pai	11	15,3
Mãe, pai e irmãos	30	41,7
Mãe, pai, irmãos e avós	6	8,3
Apenas mãe	2	2,8
Mãe e irmãos	8	11,1
Mãe, pai, irmãos e outros	4	5,5
Outros	11	15,3
Total	72	100

Tabela 3. Distribuição em termos de frequência e porcentagem da renda familiar mensal dos participantes (n=72)

Renda familiar	<i>f</i>	%
Até 1 salário mínimo	7	9,7
1 a 3 salários mínimos	14	19,4
3 a 5 salários mínimos	8	11,1
Acima de 5 salários mínimos	40	55,6
Sem resposta	3	4,2
Total	72	100

Com relação à presença de doença física, dos 72 participantes, 5 (6,9%), sofrem de doença respiratória (asma ou bronquite), dermatite ou refluxo. Dentre os indivíduos que fizeram parte da amostra, apenas 2 (2,8%) apresentam transtorno psicológico (Enurese ou Síndrome do Pânico). Quanto à realização de tratamento especializado, os dados revelam que 10 (13,9%) tratam doenças respiratórias, alergias ou refluxo e 10 (13,9%) dos participantes fazem uso de medicamento, como o uso de anti-histamínico utilizado para o tratamento de alergias. Apesar do baixo número encontrado de crianças que apresentam

algum transtorno psicológico, os achados apontam que 9 (12,5%) realizam tratamento psicológico.

A partir do desempenho obtido no Teste Matrizes Progressivas Coloridas de Raven - Escala Especial, instrumento utilizado para excluir casos com suspeita de comprometimento intelectual (percentil menor que 50), foi possível constatar que 21 (29,2%) das crianças obtiveram percentil 95 ou superior (classificação I – Intelectualmente Superior), 27 (37,5%) percentil 75-94 (II – Definitivamente acima da média) e 24 (33,3%) percentil 50-74 (III – Intelectualmente Médio).

O Teste dos Contos de Fadas (TCF) é um instrumento projetivo temático, organizado por Coulacoglou (2008), na Grécia. Este instrumento é adequado para ser utilizado como técnica de avaliação clínica, possibilitando identificar diversas dimensões da personalidade infantil, com base nos conceitos psicanalíticos. A proposta é realizar um jogo em que aparecem personagens de contos de fadas. O TCF é composto por 21 desenhos de personagens de contos de fadas, agrupados em sete séries com três desenhos cada. Os personagens são oriundos de vários contos de fadas, personagens popularmente conhecidos e estão desenhados em três versões. Duas delas retratam os traços mais típicos e conhecidos desses personagens, que são historicamente divulgados nos livros e/ou filmes infantis, enquanto que a terceira versão é mais incomum e pretende estimular o surgimento de respostas originais positivas ou negativas. Diferentemente de outras técnicas temáticas, a proposta não é a de contar histórias, mas é de que se responda a algumas perguntas, pois o conto já existe, os personagens são conhecidos e fazem parte de alguma maneira da realidade diária das crianças. Os contos de fadas, como afirma Coulacoglou (2008), partem do imaginário das crianças, enfoca temas que contêm verdades universais e refletem valores tradicionais como: amor, amizade, inveja, ajuda, violência, morte, entre outros. Assim sendo, o TCF estimula os processos inconscientes de projeção, explorando sentimentos e atitudes.

Os dados obtidos na Ficha de Dados Pessoais e Sociodemográficos foram analisados através de técnicas de estatística descritiva (frequências, médias, percentagens). E todo o material verbalizado pelas crianças no TCF foi primeiramente avaliado por três juízes (J1, J2 e J3) que fizeram avaliações independentes com base no sistema de categorização de respostas. Para analisar a concordância entre os juízes foi utilizada a estatística Kappa. Posteriormente, foi realizado o levantamento de frequências e percentagens dos tipos de conteúdos agressivos identificados nas respostas ao TCF. E, por último, para verificar a

associação das variáveis (tipo de conteúdos agressivos X idade, sexo, tipo de escola, temática/conflito da série de cartões do TCF) foi utilizado o Teste Exato de Fisher.

No decorrer das etapas do desenvolvimento infantil, compreende-se que a criança atravessa períodos de grande intensidade emocional. Muitas vezes passa por etapas que lhe despertam diferentes sentimentos, como medo, angústia e ansiedade. Através de seus recursos psicológicos, ela tentará buscar formas de lidar com o turbilhão de emoções, característico de seu crescimento, que nem sempre podem e são manifestas e elaboradas. Para Bettelheim (2001), a criança necessita que lhe sejam dadas sugestões, em forma simbólica, sobre a forma como ela pode lidar com estas questões de seu desenvolvimento. A partir dessa visão, o autor acredita na importância dos contos de fadas, pois as crianças podem encontrar suas próprias soluções através da contemplação das histórias. Os conflitos passam a ser vistos de fora, fazendo com que os problemas passem a ser mais fáceis de serem enfrentados (Corso & Corso, 2006).

A partir de uma importância histórica e cultural, o conto de fadas se faz presente, certamente, como forma de narrativas imaginárias e fantásticas. A possibilidade da criação de um recurso de transmissão oral de um enorme rol de significados sociais e culturais e o estímulo ao exercício da capacidade imaginativa e simbólica do ser humano são algumas das principais finalidades dos contos (Werlang & Macedo, 2008). Ao relacionarmos com o embasamento psicanalítico, é possível compreender os “significados simbólicos dos contos de fadas aos eternos dilemas e conflitos que o homem enfrenta ao longo de seu desenvolvimento” (p. 186). Assim sendo, este tipo de narrativa vem sendo utilizada como estratégia terapêutica com crianças, por se acreditar que os contos podem ser ótimas ferramentas que refletem aspectos normais e patológicos do desenvolvimento infantil.

A agressão, como exposto anteriormente, é vista em todas as fases da vida, já que colabora com a estruturação do funcionamento psíquico. Se bem administrada, pode ser utilizada como potencial humano. Entretanto, é preocupante o gerenciamento da agressividade, estando ela associada à violência, que vem tomando conta de índices assustadores na sociedade atual. As seções de estudo, que compõem esta dissertação de mestrado, possibilitam uma contribuição para a identificação de manifestações e tipos de conteúdos agressivos na fase da latência, para que seja possível conhecer e estruturar formas de intervenções adequadas, na clínica psicológica infantil, com o objetivo de prevenção e redução dos níveis sociais de manifestações agressivas desmedidas.

SEÇÃO I

Compreensão Teórica da Agressividade na Infância

No mundo contemporâneo, têm sido constantes as manifestações de violência praticadas por sujeitos de todas as faixas etárias e dos diversos seguimentos sociais. Estas manifestações retratam condutas agressivas, muitas vezes, até sem motivo aparente.

Agressão e violência, apesar de serem expressões humanas comumente referidas como sinônimos, precisam ser bem diferenciadas. Trata-se de explicitar as especificidades de cada uma a fim de evitar equívocos na compreensão de suas manifestações. A agressão é uma resposta ao comportamento adaptativo do ser humano, enquanto a violência é um comportamento mal-adaptativo evidenciando aspectos destrutivos das pessoas. No caso da violência, trata-se de uma manifestação da agressão direcionada ao alvo errado, no lugar errado, no tempo errado e com a intensidade errada (Werlang, Sá & Macedo, 2006).

Mas o que é ser agressivo? Para Gazzaniga e Heatherton (2005), a agressão pode ser definida como uma variedade de comportamentos diferentes, mas, basicamente, pode ser entendida como qualquer comportamento ou ação que envolve a intenção de prejudicar ou ferir alguém. A agressividade é a qualidade de ser agressivo, é a disposição para o desencadeamento de comportamentos hostis, destrutivos, que visam prejudicar direta ou indiretamente alguém, alimentada pelo acúmulo de experiências frustradoras (Ferreira, 1999; Dorsch, Häcker & Stapf, 2001). Ou ainda, como expressa Collette (1971), a agressividade pode ser considerada um comportamento indicador de que o indivíduo quer escapar a todo e qualquer tipo de controle, recusando-o e exercendo ações violentas, brutais e ameaçadoras contra quem constitua possível obstáculo.

Agressão e agressividade são expressões que nos remetem a um componente negativo do ser humano. Entretanto, Werlang, Sá e Macedo (2006) pontuam que estes dois aspectos fazem parte do cotidiano das pessoas e, se bem gerenciados, e em adequada sintonia com as exigências da realidade externa, auxiliam o indivíduo a se afirmar e obter satisfação, considerando o contexto social no qual está inserido. A agressividade, então, pode ter uma orientação negativa e restritiva ou positiva e construtiva. A questão é identificar quando esse comportamento deixa de ser aceitável, para se tornar um problema.

Manifestações agressivas podem ser decorrentes de inúmeras razões. Assim sendo, a origem do comportamento agressivo é considerada multifatorial, podendo decorrer de fatores biológicos, culturais, ambientais e, estando, também, relacionada aos impulsos

internos inatos, que constituem o psiquismo humano desde o seu nascimento. Por outro lado, cabe ressaltar, conforme Coulacoglou (2008), que, embora manifestações agressivas possam ser observadas através de certos comportamentos hostis, a ausência de agressividade sugere passividade, podendo significar indicativo de mau ajustamento.

A infância é um período estratégico na vida de uma pessoa, e a agressividade é um fator participante no processo de crescimento do indivíduo. A agressividade deve ser um dos aspectos utilizados pelas crianças como forma de reagir frente ao mundo, mas não pode se tornar a forma preferencial para resolver as dificuldades e os problemas do cotidiano. As manifestações de agressividade podem surgir como uma reação de defesa direta e objetiva frente a uma ameaça, mas também podem se apresentar como uma intenção própria da pessoa conectada a uma expressão emocional.

Desde bebês, as crianças conseguem expressar reações de prazer ou desprazer. Enquanto a linguagem verbal não está bem desenvolvida, manifestações agressivas podem ser expressas pelas crianças por meio de recursos, como bater os pés, gritar, morder, arranhar e puxar os cabelos de outras crianças. Assim, por meio de expressões mais ancoradas nos recursos físicos, a criança encontra formas de expressão da agressividade.

Com o desenvolvimento da fala, as atitudes gestuais, muitas vezes, diminuem, e a criança pode passar a utilizar expressões verbais de ofensa ou de intimidação ao outro. Marcelli (1998) considera existir uma tendência geral de que as condutas agressivas desapareçam ao longo dos anos, mas alerta para a possibilidade de situações nas quais as crianças possam seguir se mostrando agressivas por não conseguirem controlar seus impulsos. A expressão dessa impossibilidade resulta em comportamentos, tais como bater nos colegas, até mesmo em adultos ou nos pais e, ainda quebrar objetos alheios ou pessoais.

Crianças agressivas podem ser facilmente identificadas na creche, na escola, nas festas de aniversário, em reuniões familiares ou sociais. Elas apresentam comportamentos típicos de empurrar, bater, pisar, destruir os pertences dos outros, criar situações ameaçadoras, preparar armadilhas, desvalorizar e, até mesmo, criar grupos (ganguês) para dirigir/manipular outras crianças. A questão da agressividade infantil tem sido discutida de diferentes formas, e com pontos-de-vista bastante variados, por vários profissionais e tem sido motivo de constante preocupação para pais, educadores e profissionais da saúde interessados no desenvolvimento psicológico saudável da criança.

Comportamento agressivo na infância causa preocupação e temor. O *bullying*, por exemplo, é um fenômeno decorrente da agressividade humana observada no espaço

infantil. O *bullying* compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando sofrimento, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder. O *bullying* diz respeito a uma forma de afirmação de poder interpessoal através da agressão. Fante (2005) alerta que esse fenômeno agressivo estimula a delinquência e outras formas de violência explícita, resultando em cidadãos estressados, deprimidos, com baixa auto-estima, capacidade de auto-aceitação e resistência à frustração, pouca capacidade de auto-afirmação e auto-expressão, além de facilitar o aparecimento de sintomatologias, doenças psicossomáticas, transtornos mentais e patologias graves.

Fica evidente, então, que não se pode negar a agressividade do homem e sua presença desde as fases mais precoces da vida da criança. Com o objetivo de aprofundar a compreensão desse fenômeno tão importante na elaboração da estrutura psicológica humana, esta seção apresenta contribuições teóricas do conceito *agressividade*, tendo como enfoque idéias de pensadores do referencial psicanalítico. Frente à relevância deste componente na infância, a agressividade também é explorada psicodinamicamente durante as fases do desenvolvimento infantil, a partir das diferentes formas de manifestações que, durante o crescimento, tendem a atingir graus mais elaborados de expressão, ou mostram-se de maneira menos saudáveis quando relacionadas a comportamentos agressivos e à violência.

Contribuição dos Teóricos da Psicanálise para compreensão da Agressividade

Freud sempre considerou a agressão como uma fonte instintiva e pulsional. A teoria inicial freudiana das pulsões se desenvolveu a partir da descoberta dos impulsos sexuais da infância, caracterizados por um antagonismo entre a pulsão sexual e a pulsão de autoconservação. Mais tarde, Freud (1914/1976) postulou que alguns fatos clínicos não eram passíveis de explicação através desta dualidade, substituindo-a pela dualidade libido de objeto versus libido do ego. O apego libidinal a um objeto e o amor por este eram devolvidos ao ego, tornando-se o objeto amado. O conceito de narcisismo faz com que Freud repense sua Primeira Teoria das Pulsões, uma vez que, ao tomar a si mesmo como objeto de amor, o ego não está em oposição à libido.

O reconhecimento da existência da agressão e da destrutividade nos seres humanos ocorreu depois da Primeira Guerra Mundial, quando Freud (1920/1976) introduziu, em sua teoria, uma nova dicotomia pulsional: pulsão de vida X pulsão de morte. A partir da

repetição compulsiva de vivências desagradáveis, Freud compreendeu que o princípio do prazer não poderia explicar a busca por estas repetidas situações, e com isso, conceituou a existência de uma pulsão de morte. Freud (1920/1976) passou a definir esta pulsão como "um impulso inerente à vida orgânica, que visa restaurar um estado anterior de coisas" (p.54), e considera, ainda, que o "objetivo de toda a vida é a morte" (p.56). Ao utilizar a metáfora de território invadido, Freud passa a descrever uma situação psíquica na qual o aparelho psíquico se vê à mercê de forças pulsionais que colocam o sujeito numa situação de repetição do desprazer (Freud, 1920/1976). O conceito de compulsão à repetição é apresentado como uma força própria de um princípio que estaria além do princípio de prazer ao ter como objetivo reproduzir incessantemente situações de desprazer.

A constatação da existência de forças pulsionais que visam à repetição de situações desprazerosas coloca Freud frente àquilo que será nomeado como estando "além do princípio do prazer". A tendência à repetição faz parte de uma propriedade geral das pulsões cuja consequência é transportar o organismo, na sua idêntica reprodução, a um estado anterior. Assim, a origem mitológica das pulsões, a partir de 1920, ressalta Kusnetzoff (1982), está no id, e o princípio de prazer perde sua posição hierárquica e os problemas relativos à agressão ficam em primeiro plano. Dessa maneira, o organismo vivente é sustentado por um conjunto pulsional, dividido entre um pólo, que induz a crescer, somar e reproduzir, e outro, que leva a restabelecer um estado anterior.

As pulsões de morte aparecem, segundo Laplanche e Pontalis (1983), na conceitualização freudiana, como um tipo completamente novo de pulsões, que não tinha lugar nas classificações precedentes, sendo elas as "pulsões por excelência, na medida em que nelas se realiza de forma eminente o caráter repetitivo da pulsão" (p.530). Laplanche (1988) ainda lembra que a pulsão de morte está estreitamente ligada, em Freud, não só à compulsão à repetição, mas também à noção de princípio do zero ou de Nirvana, ou seja, refere-se à ausência de excitação. Destaca, ainda, o autor, que a existência de uma pulsão de morte no nível mais profundo do inconsciente nunca foi, para Freud, incompatível com outras teses que ele sustentava, como a ausência de negação, de contradição e de idéia de morte no inconsciente.

Futterman (1969), cuja base teórica em seus escritos consiste precisamente em tomar como fundamento a noção freudiana de pulsão de morte, explica que os componentes da pulsão agressiva mostram a mesma capacidade de fixação e regressão que os da pulsão de vida, sendo claro, para ele, que ambas as pulsões se manifestam durante o período do

desenvolvimento por fixação nas zonas oral, anal e fálica, surgindo a fusão destas pulsões na resolução do complexo de Édipo e na formação do superego. Na fusão ideal de ambas as pulsões, os impulsos agressivos são liberados de sua qualidade destrutiva, possibilitando a sublimação das manifestações hostis, de maneira que o indivíduo é capaz de fazer uma contribuição produtiva e positiva no seu processo de vida.

Em seu texto *Mal-Estar na Civilização*, Freud (1930 [1929] 1974), ao abordar o processo civilizatório, pontua a inata inclinação humana para a agressividade. Para ele, o impulso agressivo é o derivado e o principal representante da pulsão de morte, e a civilização necessita utilizar esforços, a fim de estabelecer limites para os instintos agressivos do homem, mantendo assim suas manifestações sob controle por formações psíquicas reativas. Neste mesmo texto, Freud ainda afirma que “no sadismo e no masoquismo sempre vimos diante de nós manifestações do instinto destrutivo (dirigidas para fora e para dentro) fortemente mescladas ao erotismo” (p. 142).

A teoria de Melanie Klein está embasada no conceito das relações objetais internalizadas que constitui, na psicanálise, o primeiro desenvolvimento da teoria das relações objetais após Freud (Kernberg, 1989; Hinshelwood, 1992). Em concordância com sua teoria da dualidade das pulsões (1920) – vida e morte –, a suposição teórica de Klein propõe que tanto a pulsão de vida quanto a de morte, operam desde o nascimento, e, neste sentido, salienta-se a importância da agressividade inata como uma manifestação da pulsão de morte. Para Klein (1975a), os impulsos agressivos constituem um elemento radical e básico na psicologia humana e, em certos aspectos, desempenham papel fundamental na luta pela existência.

O conceito de agressão oral é abordado por Klein (1975b) como “sadismo oral”, o qual pode ser considerado a forma mais antiga de agressão na medida em que implica o desejo de destruição do objeto pelo bebê. Conforme a autora, o desvio da pulsão de morte para o exterior influencia nas relações do bebê com os objetos e dá livre curso ao sadismo, que “passa a atingir o seu apogeu durante e após o desmame, ativando e desenvolvendo ao máximo as tendências sádicas que fluem de diversas fontes” (p. 179). Klein (1975b) aponta que o desejo inicialmente de se apoderar do seio da mãe, sugando e esvaziando seu conteúdo, que é primeiramente dirigido ao seio, passa rapidamente a se estender pelo interior de seu corpo. Cabe ainda ressaltar que, ao tratar das fixações na fase oral, Klein (1927) propõe uma diferenciação entre a fixação oral de sucção e a fixação oral de morder,

que está relacionada com tendências canibalísticas, fato que pode ser observado quando os bebês mordem o peito da mãe.

O sadismo oral é considerado a primeira manifestação da pulsão de morte; isso porque “os desejos canibalísticos são projetados para fora desde o nascimento sob a forma de temores persecutórios vinculados aos primeiros objetos, e são vivenciados como o temor de objetos devoradores, gerando fantasias de um seio mau, devorador, destrutivo” (Kernberg, 1989, p. 31). Esse movimento é decorrente da angústia suscitada na criança por seus impulsos destrutivos, os quais, segundo Klein (1975b), podem agir de duas maneiras. Primeiramente, a criança torna-se temerosa de ser exterminada por seus próprios impulsos destrutivos, e, em segundo lugar, esses temores passam a convergir sobre o objeto externo, que passa a ser considerado uma fonte de perigo, contra o qual são dirigidos seus sentimentos sádicos. Parece que a criança desloca para seu objeto toda a carga de medo intolerável que lhe inspiram os perigos pulsionais, assim trocando os perigos internos pelos externos. O ego imaturo, complementa Klein (1975b, p. 179), “procura proteger-se desses perigos externos destruindo o objeto”.

Em termos gerais, em sua obra, Melanie Klein salientou a importância das relações objetais internas muito antigas na determinação das vicissitudes dos instintos, dando igualmente importância para a agressividade pré-genital, especialmente o sadismo oral. Sendo assim, os objetos internos bons e maus podem ser considerados um reflexo direto das vicissitudes da agressividade e da libido inatas (Kernberg, 1989). O papel da fantasia inconsciente possui igualmente destaque no pensamento kleiniano, sendo considerada a expressão mental dos instintos; é, constantemente, influenciada pela realidade e, também, exerce influência sobre esta, alternando sua percepção ou interpretação (Segal, 1975). Este inter-relacionamento entre fantasia inconsciente e realidade externa verdadeira torna-se muito relevante quando se busca avaliar a importância comparativa do ambiente no desenvolvimento da criança.

Ainda sobre a agressão oral, Abraham denomina como *estágio oral* ou *canibalístico* o estágio que ocorre após o período de sucção, no segundo semestre do primeiro ano de vida, caracterizado pelo surgimento dos dentes (Kusnetzoff, 1982). O processo de irrupção dos dentes faz com que uma parte considerável do prazer, antes obtido no sugar, seja substituído pelo prazer em morder. Como aponta Abraham (1965), no mesmo período do desenvolvimento, a criança começa a ter relações ambivalentes com os objetos externos,

fazendo com que tanto o aspecto amistoso quanto o hostil desta atitude estejam relacionados com o prazer.

Outro conceito desenvolvido importante da teoria kleiniana é o de inveja. Klein, segundo Hinshelwood (1992), define inveja como sendo um ataque destrutivo às fontes da vida, ao objeto bom, não ao mau, tendo origem inata, parte que é da dotação pulsional e exige o mecanismo da cisão como defesa arcaica a operar no começo da vida. A inveja é a tendência a estabelecer relações hostis com o objeto bom, não com o perseguidor mau e temido e “aquele que satisfaz os impulsos libidinais, vem a ser atacado, como se por engano, mas, na realidade, por ser bom” (Hinshelwood, 1992 p. 184). Os elementos da inveja, o ataque a pessoas com vantagens e qualidades especiais, simplesmente por causa de sua bondade, podem ser, gradualmente, modulados até chegarem ao ciúme e, por fim, a um estado mais honesto de competição. Klein (1974) propõe uma distinção entre inveja e ciúme. A inveja é o sentimento irado de que outra pessoa possui e desfruta de algo desejável, sendo o impulso invejoso tirá-lo dela. Esse sentimento implica a relação do indivíduo apenas com uma só pessoa e remete à mais primitiva relação exclusiva com a mãe. O ciúme, por outro lado, apesar de se basear na inveja, envolve uma relação com, pelo menos, duas pessoas e diz respeito “principalmente ao amor que o indivíduo sente como lhe sendo devido e que lhe foi tirado ou está em perigo de sê-lo, por seu rival” (p. 34).

A inveja é resultado da falta de alguma qualidade, algo que o sujeito gostaria de possuir do outro, relacionando-se com a existência de uma comparação inferior em relação às qualidades que considera vitais para auto-estima da pessoa em comparação ao outro (Coulacoglou, Souyouldjoglou & Atsaros 2002). A partir de sua experiência clínica, Kernberg (1994), considera que quanto maior a inveja, maior a percepção real da pessoa invejada como sendo efetivamente alguém que possui qualidades altamente desejáveis ou “boas”. Ou seja, o objeto de ódio é vivenciado como um objeto que, de algum modo, possui a bondade e os valores que o indivíduo sente que lhe faltam e que deseja para si.

No ano de 1952, Melanie Klein, a partir de seu trabalho analítico, propõe que a inveja (alternando-se com sentimentos de amor e gratidão) dirige-se, primeiramente, ao sentido do seio que alimenta; e, posteriormente, a esta inveja primária acrescenta-se o ciúme, surgindo, então, a situação edípica triádica. Nessa etapa do desenvolvimento, a criança odeia uma terceira pessoa porque a vê como alguém que a priva do amor proporcionado pelo objeto desejado (Kernberg, 1989; Hinshelwood, 1992). Para Klein

(1975b), a situação típica do ciúme é naturalmente a da rivalidade no amor, representando uma reação de ódio e agressividade a uma perda ou ameaça de perda. O ciúme vem acompanhado de um sentimento de humilhação devido à afronta que acarreta à autoconfiança e à sensação de segurança do indivíduo.

Melanie Klein (1927, 1975b) e seus seguidores, principalmente Bion (1966), apontam para a relevância das relações objetais primárias como forma de estruturação, ou não, da violência. Nas contribuições de Bion (1966) sobre esse tema, encontra-se a proposição de que, desde o início da vida, há um vínculo emocional muito profundo entre a mãe e seu bebê, e este necessita contar com um objeto externo no qual possa derramar suas angústias. Nas situações em que a angústia é muito intensa, a criança deve poder descarregá-la em sua mãe, e esta, tendo “capacidades emocionais poderá absorvê-las, devolvendo-as de maneira menos angustiante e mais assimilável para seu filho” (Bleichmar & Bleichmar, 1992, p. 253).

A partir dessa teoria postulada por Bion, entende La Porta (1984) que bebês com baixo limiar de tolerância à frustração “explodem” seu ego frente a um estado de carência e sofrimento, no qual não são devidamente atendidos em suas necessidades, uma vez que as mães, ansiosas e carentes, mostram-se incapazes de exercer uma função de *reverie*. Sem poder compreender o que se passa com o bebê, estas mães não conseguem desfazer a violência do ataque mental, que na fantasia infantil destrói o seio. Dessa forma, a mãe que não consegue desfazer a explosão psíquica de seu bebê frente a esta condição de não atendimento de suas necessidades, devolve a violência, e o filho sente-se “bombardeado” pelos estilhaços de sua própria violência, que volta acrescida pela violência da incapacidade materna. Nessa inter-relação, o que acontece depende, como aponta Bion (1966), da natureza da qualidade psíquica da mãe e do impacto desta sobre a qualidade psíquica da criança.

Winnicott (1939), ao considerar a importância do meio ambiente, refere que a agressão pode ser provocada pela inadequação de fatores ambientais e enfatiza a relação entre a agressão e as características reais do ambiente e as experiências traumáticas infantis. Para Winnicott (1939), a agressão apresenta dois significados: constitui direta ou indiretamente uma reação à frustração podendo, também, ser compreendida como uma das maiores fontes de energia de um indivíduo. O autor considera que a criança pequena tem uma quota inata de agressividade, que se exprime em determinadas condutas destrutivas, e o bebê acaba voltando esse ódio sobre si mesmo, para preservar o objeto externo

(Bleichmar & Bleichmar, 1992). Com isso, a partir da resposta da mãe, que proporciona ou não os cuidados necessários nessa etapa, depende o alcance de uma adaptação adequada da realidade. Em termos gerais, a agressão da criança não corresponde unicamente a uma vocação destrutiva inata, pelo contrário, exprime uma esperança de ser amada e compreendida.

Winnicott (1939), ao estudar as raízes da agressão, propõe que a tendência humana agressiva pode ser considerada escondida, disfarçada, desviada ou atribuída a agentes externos; portanto, sua manifestação é sempre dificilmente identificada em sua genuína origem. Ser capaz de tolerar o que se pode encontrar na realidade interior de uma pessoa é uma das grandes dificuldades presentes na vida do ser humano. Dessa forma, um grande objetivo a ser alcançado pelos indivíduos consiste em construir condições psíquicas a fim de estabelecer relações harmoniosas entre as realidades pessoais internas e as realidades externas. Quando as forças cruéis ou destrutivas ameaçam dominar as forças do amor, o indivíduo deve fazer alguma coisa no sentido de salvar-se e, uma das coisas que ele faz é colocar para fora o seu íntimo, dramatizar exteriormente o mundo interior, representando ele próprio o papel destrutivo, provocando seu controle por uma atividade externa (Winnicott, 1939). Para o autor, “quando existe esperança, no que se refere às coisas internas, a vida instintiva está ativa e o indivíduo pode usufruir do uso dos impulsos, inclusive dos agressivos, converte-se em bem na vida real o que era dano na fantasia. Isso constitui a base do brincar e do trabalho” (p.99).

Pode-se encontrar, na estrutura das relações humanas, o amor e o ódio como principais elementos, e estes sentimentos envolvem agressividade. Winnicott (1939/1950) acredita que todo o bem e o mal presentes no mundo das relações humanas são encontrados no âmago do ser humano. As proposições do autor ainda vão mais longe ao afirmar que, no bebê, já são encontrados o amor e o ódio antes mesmo da integração de sua personalidade. O autor considera que existem certas características na natureza humana que são encontradas em todas as crianças e nas pessoas em todas as idades. As formas de manifestação destas características podem variar, mas existem denominadores comuns nos problemas humanos. Em relação à agressividade neste contexto, a diferença existente nos comportamentos agressivos entre as crianças está embasada nas distintas maneiras com que estas lidam com o impulso agressivo. Nesse sentido, Winnicott (1939) aponta que as aparências podem variar, “pode ser que uma criança tenda para a agressividade e outra

difícilmente revele qualquer sintoma de agressividade, desde o princípio, embora ambas tenham o mesmo problema” (p.103).

Ao estudar sobre a tendência anti-social, Winnicott (1956) pontua que, na base desta conduta, há uma boa experiência inicial que se perdeu, e afirma que existe uma relação direta entre esta tendência e a privação. Seus estudos permitem afirmar que “uma criança sofre privação quando passam a lhe faltar certas características essenciais da vida familiar” (p. 138). A relação direta existente entre a conduta anti-social e a privação emocional é conhecida de longa data pelos especialistas nesta área, como afirma Winnicott (1956), mas deve-se a John Bowlby, psicanalista que estudou sobre o apego, a perda e a separação, o fato de haver um reconhecimento generalizado sobre esta relação.

Bowlby (1984) chama a atenção para a frequência com que a raiva surge após uma perda, não apenas em crianças, mas também em adultos. A experiência clínica sugere, segundo o autor, que as situações de separação e perda tendem a resultar em raiva dirigida contra uma figura de apego, que, intensificada, torna-se disfuncional. Conforme Bowlby (1984), “as reações disfuncionais ainda tendem a ser eliciadas em crianças e adolescentes que não apenas sofreram repetidas separações, mas que são expostos a constantes ameaças de abandono” (p. 269). O padrão e o equilíbrio das reações dirigidas contra figura de apego se entrelaçam e complicam devido a vários motivos, entre os quais se encontram a tendência de reprimir raiva e a hostilidade dirigida contra uma pessoa amada; ou redirecioná-las (deslocamento); ou de atribuir a raiva a outros e não a si mesmo (projeção).

Conforme aponta Youg-Bruehl (1992), ao tratar da agressividade humana, Anna Freud, diferentemente de outros autores, como Melanie Klein, não concordou com o pensamento que considerava ser a origem da psicopatologia o inevitável combate entre os instintos humanos ou, então, a própria agressão humana. Segundo a autora, para Anna Freud, a psicopatologia tinha sua origem nos aspectos libidinais. Em suas proposições, Anna Freud considera que, a partir de vivências nas quais o desenvolvimento erótico ou emocional é bloqueado por condições internas ou externas, tais como “ausência do objeto amado, falta de correspondência emocional da parte dos adultos, ou ainda deficiência no desenvolvimento emocional normal por motivos inatos”, os impulsos agressivos acabam não sendo “fundidos e conseqüentemente refreados e parcialmente neutralizados”, permanecendo livres, buscando expressão na vida sob forma de destrutividade pura (Youg-Bruehl, 1992, p. 273).

Em situações de ameaça externa ou de angústias objetivas, o meio utilizado pelo ego, conforme Anna Freud (1986), é imitar a ameaça, igualar-se ao que ameaça. Segundo a autora, ao introjetar uma certa característica de um objeto causador de ansiedade, seria possível ao ego assimilar a experiência de ansiedade que acabou de ser sofrida. Ao personificar o agressor, a criança passa de pessoa ameaçada à pessoa que ameaça. A “identificação com o agressor”, que resulta da combinação particular entre introjeção e projeção, permite que a crítica se volte agressivamente contra os outros, e não sentida como autocrítica menor (Freud, 1986; Youg-Bruehl, 1992). Assim, uma criança castigada interioriza o castigo e fica com raiva de alguém ou castiga alguém. Outra forma do ser humano reagir, ao se deparar com situações de perigo ou ameaça iminente, pode ser através de uma emoção primária, denominada medo. Na psicanálise, o medo tem sido ofuscado pela ansiedade, que, muitas vezes, também pode ser traduzida como medo irracional (Coulacoglou, 2008).

Na base de um comportamento agressivo, o indivíduo geralmente é estimulado por uma ou outra de duas grandes motivações fundamentais ligadas às pulsões, conforme o olhar psicodinâmico de Collette (1971). A primeira motivação seria a fuga do desprazer resultante da insatisfação das necessidades, do enfrentamento com os obstáculos que se apresentam em seu caminho, dos sofrimentos e das dificuldades que dele podem surgir. A segunda motivação seria a busca do prazer. Ao tratar o prazer como resultado da satisfação de uma necessidade qualquer, o indivíduo seria, então, impelido, frente a uma necessidade, a procurar saciá-la. Para isso, deverá conquistar, apropriando-se daquilo que lhe interessa, eventualmente arrancá-lo dos outros, ou com eles disputá-lo e vencer para assim satisfazer a sua vontade.

A necessidade de dominação se faz presente na conduta da criança e, é a partir deste desejo que a criança aprende a controlar seu ambiente e conquistar sua confiança (Coulacoglou, Souyouldjoglou & Atsaros, 2002). Em se tratando da conduta agressiva, porém, a dominação está associada à utilização de forças e energias para tratar de tomar conta de outra pessoa ou de um objeto, fazendo alguém prisioneiro no sentido físico ou moral da ação, submetendo alguém a tal ponto de fazê-lo perder a liberdade. Outra maneira consiste em tratar de impor-se aos outros, ocupando o respeito numa situação de superioridade que coloca o outro num estado de subordinação (Collette, 1971).

Em contraste com a teoria de Freud, que privilegiava, principalmente, os aspectos inconscientes do psiquismo, o psicanalista Erich Fromm (1973), ao estudar a influência da

sociedade e da cultura no indivíduo, considera que a personalidade de uma pessoa é resultado de fatores culturais e biológicos. Conforme o autor, os seres humanos, ao se deparar com situações em que as necessidades vitais estão ameaçadas, necessitam agir de forma agressiva para se defender, o que pode ser uma reação a este desconforto como forma de remoção do perigo. A finalidade da agressão como defesa, conforme Fromm (1973), não é o prazer de destruição, mas sim a preservação da vida. As raízes da agressão defensiva encontram-se, portanto, filogeneticamente estruturadas e se manifestam na medida em que sua vida, saúde, liberdade ou propriedade estejam ameaçadas.

Essa idéia de agressividade encontra semelhança nas proposições de Coulacoglou (2008), quando a autora afirma que a presença da agressividade defensiva é a base da maior parte dos impulsos agressivos do homem. Fromm (1973), ao tratar do comportamento agressivo, apresenta uma relação dessa conduta com a “destrutividade vingativa” (p.366), a qual é caracterizada como sendo uma reação espontânea a um sofrimento intenso e não justificado, infligido a uma pessoa com quem o sujeito se identifica. Cabe ressaltar a diferenciação feita pelo autor a respeito dessa forma de agressividade ao considerar uma questão temporal: a agressividade vingativa ocorre logo depois que o dano tenha sido feito e é considerada uma ação mais intensa, freqüentemente cruel e insaciável. Hartup (1974) refere que, em um contexto no qual ocorram frustrações ou ameaças que evidenciem depreciações à auto-estima, freqüentemente, reações de ataque hostil podem ser uma forma encontrada de expressão contra quem seja agente destas emoções sentidas como perigosas.

Para Fromm (1973), a agressão instrumental assim como a agressão defensiva, não têm como objetivo a destruição propriamente, a qual serve apenas como um meio para atingir a finalidade esperada. Considerada um tipo de agressão adaptativa, a agressão instrumental, segundo o autor, tem como finalidade obter o que é “necessário ou desejável” (p. 280) para a autopreservação ou para a preservação de um padrão de vida habitual, tradicional. Cabe ressaltar uma distinção entre as palavras: “necessário” e “desejável”, utilizadas pelo autor, uma vez que ambas são conceitos que podem ser relacionados a motivações diversas nos tipos de agressão. *Necessário* está relacionado a uma “necessidade fisiológica inquestionável” (Fromm, p. 281); por outro lado, *desejável* pode ser definido como aquilo que é necessário, mas, freqüentemente, também é definido como “aquilo que é *desejado*” (p. 281). Entretanto, as pessoas não apenas desejam aquilo que é necessário a fim de sobreviverem; a maioria das pessoas quer mais, é voraz. E é neste contexto que

pode emergir a agressão, pois a voracidade é uma das causas mais usuais da agressão e talvez seja um motivo tão forte para a agressão instrumental quanto o desejo para o que é objetivamente necessário.

A agressividade nas Fases do Desenvolvimento

Há diferentes maneiras de a agressão se manifestar durante o processo de desenvolvimento infantil, conforme as exigências de cada etapa, exercendo fundamental importância na estruturação psíquica da criança. Do ponto de vista freudiano, a agressividade na fase oral está associada ao surgimento, na segunda metade do primeiro ano, de uma nova forma de satisfação sensual oral, o mastigar e o morder (Tyson, 1993). A dor e o desconforto associados à erupção dos primeiros dentes são aliviados pela atividade de morder da criança. À medida que a criança começa a explorar o mundo à sua volta mais ativamente, ela usa a boca como o principal órgão de exploração. Nesse sentido, os comportamentos agressivos podem surgir nas formas mais diferenciadas, a partir dos quais se pode inferir uma progressiva diferenciação de impulsos libidinais e agressivos.

Já na fase anal, na qual influências maturacionais levam a um aumento proeminente no erotismo anal à medida que o segundo ano de vida progride, a criança pequena pode ser facilmente observada gostando dos prazeres associados ao funcionamento anal e uretral, como as atividades de retenção e expulsão. A criança passa a ter uma melhor percepção de seu corpo e uma maior habilidade em controlar os seus movimentos. Ainda, quando falham os esforços para o controle, a raiva dirigida ao objeto seguidamente acompanha a frustração. Conforme Tyson (1993), conter a agressão hostil junto a sentimentos amorosos positivos pela mãe torna-se um tema crucial do desenvolvimento da fase anal.

Kusnetzoff (1982) apresenta uma distinção entre duas fases do estágio anal e propõe a existência do erotismo e da agressividade nesta etapa. Primeiramente, há uma tendência a destruir o objetivo exterior (expulsão) e, posteriormente, surge o desejo de conservá-lo com a finalidade de controlá-lo (retenção). Ambas as tendências são consideradas, segundo o autor, como fontes de prazer. Dessa forma, para Kusnetzoff (1982), a criança nesta etapa constrói a noção de poder, “sobre o seu próprio corpo e poder afetivo sobre os objetos do mundo exterior, na medida em que os frustra ou gratifica mediante o controle esfinteriano” (p.45). O relacionamento de objeto nesta etapa que direciona as condutas de provocações ativas e agressivas, as quais fazem com que os objetos exteriores, que são

provocados e agredidos, terminem agredindo o sujeito, faz-se presente na dinâmica encontrada no sadismo e masoquismo.

Na fase fálica, a erotização, a concentração da libido, está localizada na região genital. Utilizando a tragédia clássica do “Édipo Rei”, Freud (1905/1989) nomeou o conjunto de defesas inconscientes que a criança desenvolve pela figura parental do sexo oposto (Bassols, Dieder & Valentini, 2001): Complexo de Édipo, período no qual a criança tem impulsos sexuais com relação ao genitor do sexo oposto e deseja eliminar aquele do mesmo sexo, esperando, assim, punição por tais desejos. Entre os 3 e 5 anos de idade, a criança encontra-se em uma relação triangular com os pais, percebendo, pela primeira vez, que eles têm uma relação a dois, da qual ela não faz parte. Essa constatação gera sentimentos de revolta, ciúme, agressividade e abandono por parte da criança.

O período de latência inicia com o declínio do complexo de Édipo e se caracteriza por um desvio da libido do uso sexual que é então voltada para outros fins. Ocorre uma intensificação do recalçamento, que, como efeito, gera uma amnésia que cobre os primeiros anos de vida, proporcionando uma transformação dos investimentos de objetos em identificações com os pais e o desenvolvimento das sublimações (Laplanche & Pontalis, 1996).

Considerado um produto do desenvolvimento, o período da latência, segundo Kusnetzoff (1982), estende-se desde os “cinco ou seis anos de idade até as fases puberais do desenvolvimento” (p. 105). Freud (1905) caracteriza essa fase como sendo resultante de uma combinação de processos biológicos, influências culturais e educacionais e uma reorganização das estruturas defensivas do ego parcialmente influenciadas pelo desenvolvimento do superego. É nessa etapa que ocorre a mudança da organização fálica dos impulsos para a organização sádico-anal dos impulsos e para estruturas da fantasias. Decorrente das organizações especiais do ego, as energias sádico-anais são canalizadas; dessa forma, padrões de descarga de impulsos apresentam-se controlados, o que facilita o aprendizado escolar (Sarnoff, 1995).

Neste período, as exigências instintivas não se modificam, mas o ego torna-se, aos poucos, mais apto a lidar com elas (Ferreira & Araújo, 2001). A capacidade para sublimar pulsões instrumentaliza a criança para superar situações difíceis de caráter sexual e/ou agressivo, durante seu desenvolvimento posterior, relativo à inserção social, via escola, por exemplo, quando obtém satisfações libidinais por meio de atividades sublimatórias (Sarnoff, 1995). Nessa fase, é da simbolização que o latente se utiliza para expressar

impulsos sexuais e agressivos, instrumentando-se para conseguir organizar melhor o brinqueado. Dessa forma, o processo de amadurecimento que ocorre neste período prepara o latente para lidar com pressões ligadas a um autocontrole dos impulsos sexuais e agressivos que precisam ser sublimados e reprimidos.

As modificações da agressão são resultados da interposição de um grupo de mecanismos de defesas caracterizados como “mecanismos de repressão” (Sarnoff, 1995, p.236). Entre essas defesas, encontra-se a sublimação, as atividades compulsivo-obsessivas, o fazer e o anular, a formação de símbolos e de fantasia, as formações reativas e as repressões. As fantasias, formações reativas e padrões de comportamento, cuidadosamente monitorados e socialmente aceitos, tornam-se as válvulas principais de escape para a agressão.

Assim, no processo evolutivo infantil, para dominar as tendências edípicas, a agressividade se torna incompatível com outras necessidades, e o superego precisa mediar as tendências conflitivas, para proteger o indivíduo da livre expressão de sua própria agressão. Em algum momento do desenvolvimento, a criança se dá conta de que as idéias, fantasias e desejos, ou seja, as expressões da pulsão agressiva são perigosas e/ou incompatíveis com outras metas. Segundo Futterstock (1969), tal compreensão permite o surgimento da ansiedade e dos sentimentos de culpa para ajudar a dispensar da consciência os desejos intoleráveis, desenvolvendo-se também os mecanismos de defesa que o indivíduo usa para apartar e/ou transformar o que o ego já aprendeu a reconhecer como desejos instintivos perigosos.

Na criança, as expressões podem ocorrer através do brinqueado, das atividades simbólicas, dos exercícios físicos violentos, por exemplo. Já o adulto experimenta maior dificuldade de encontrar vias de liquidação, todas elas são, em geral, indiretas: esporte, trabalho, ironia, vinganças verbais, reclamações, entre outras (Collette, 1971).

Werlang, Sá e Macedo (2006) destacam que, ao invés de ser usada somente para fins negativos de destruição e violência, a agressividade pode ser canalizada por meio do trabalho, da ambição, assim como ser igualmente desviada nos comportamentos projetivos, (inimigos, ritos, mitos e crenças) ou ainda pode ser reprimida por meio de condutas de luta, espírito de competição ou dominação. Entretanto, esse conceito também está vinculado a condutas violentas e que assombram nossa sociedade atual. Cabe destacar também que, embora possa ser vista tanto como um aspecto saudável do desenvolvimento como um

comportamento não adaptável em alguns indivíduos, a agressão, quando não expressa, também pode causar desajuste (Coulacoglou, Souyouldjoglou & Atsaros, 2002).

Em termos gerais, percebe-se que situações de frustrações e ameaças eliciam uma resposta, freqüentemente agressiva. Entretanto a forma de reação de cada indivíduo pode variar muito de pessoa para pessoa, ou de uma cultura para outra. As respostas a estas situações, então, podem ser manifestadas através de um ataque direto contra a fonte frustradora ou ameaçadora, ou por reações autopunitivas (masoquismo, auto-agressão, suicídio), ou ainda, através de respostas que não apresentam qualquer reação agressiva visível do sujeito, mas um comportamento de substituição.

Nesse contexto, no qual a agressividade é considerada um motor para o desenvolvimento humano, presente em todos os indivíduos, mas que, ao mesmo tempo, vem sendo cada vez mais utilizada para fins destrutivos, torna-se relevante a compreensão deste fenômeno presente no comportamento humano desde os primórdios da humanidade para que se possam reduzir os níveis sociais de manifestações agressivas associadas à violência. Estudar suas origens e manifestações desde a infância permite que se obtenha um olhar mais apurado diante da complexidade de tal característica humana.

Considerações Finais

A agressão é um fenômeno que faz parte do cotidiano das pessoas, sendo suas manifestações muitas vezes visíveis e outras vezes não; está associada a aspectos intrínsecos da constituição da personalidade. Tais manifestações podem ser observadas no desenvolvimento saudável de um indivíduo, quando associadas a atividades produtivas que visam ao desenvolvimento; entretanto, esse mesmo potencial pode ter como finalidade um comportamento mal-adaptativo; daí a relação feita com a violência e a capacidade destrutiva das pessoas, às quais a agressão esta comumente associada. Nesse sentido, pela inegável relevância e importância desse fenômeno psíquico, pensadores da psicanálise procuraram compreender a origem e o dinamismo da agressão.

É possível perceber que a conceitualização feita sobre a agressão, com o passar do tempo, recebeu diferentes definições. Alguns autores psicanalíticos enfatizam aspectos pulsionais como origem da agressão, outros inserem questões ambientais como influentes sobre os destinos deste componente psíquico; entretanto, de forma geral, é evidente que a agressão sempre foi um conceito amplamente discutido e estudado, pois é considerada a

base da constituição psíquica dos indivíduos, presente desde as fases mais precoces do desenvolvimento.

Desde as etapas iniciais, o componente agressivo do ser humano encontra-se em ação e sofre, no decorrer das etapas evolutivas, um contínuo aprimoramento nas formas de expressão. Na latência, por todas suas características peculiares, o impulso agressivo tende a sofrer influência dos mecanismos defensivos mais elaborados que entram em ação; por isso, a agressão é sublimada, desviada para outros fins, como aprendizagem, brincadeiras. A importância deste período no que se refere a este componente psíquico encontra-se na influência que, ao utilizar defesas mais adaptativas que conduzem a um funcionamento esperado na maturidade, a agressão possa ser canalizada de forma saudável para fins construtivos nas etapas posteriores do desenvolvimento, no caso, adolescência.

SEÇÃO II

Agressividade no Período da Latência através do Teste Contos de Fadas

A agressividade é encontrada em todos os homens e está presente desde as fases mais precoces da vida da criança. Este tipo de manifestação comportamental pode estar relacionado a aspectos constitucionais e psíquicos do sujeito e, também a aspectos do ambiente, podendo se desenvolver de forma normal ou patológica. No mundo atual, o ser humano é vítima e testemunha da agressividade da própria espécie, que vem sendo empregada através de atos agressivos visando à destrutividade, tanto do outro como de si mesmo.

Em termos gerais, a agressividade pode ser definida como um comportamento que visa causar danos a uma pessoa ou propriedade, muitas vezes sendo eliciada como reação a uma ameaça real ou aparente de diminuição da força do indivíduo (Vitiello & Stoff, 1997; Dorsch, Häcker & Stapt, 2001). Entretanto, não é somente através dos atos agressivos que a agressividade pode ser observada. Considerada uma força de vida, é também encontrada na base de comportamentos ambiciosos, corajosos e empreendedores, que estimulam o potencial humano, visando seu desenvolvimento (Werlang, Sá & Macedo, 2006). Nesse sentido, torna-se necessária a intervenção sobre aquilo que, em certa proporção, poderia ser uma manifestação saudável e socialmente aceitável da agressão, mas que se torna uma manifestação destrutiva e danosa ao adquirir o caráter de violência (Souza, 2001).

O papel e a importância da agressividade no comportamento humano foram acentuados pela Psicanálise, que, através de seus pensadores, conceitua este fenômeno psíquico, suas origens e sua relação com o desenvolvimento emocional. Considerada um fenômeno com fonte instintiva e pulsional, apresenta também aspectos biopsicossociais relacionados. Em sua obra, Freud (1905/1989), inicialmente, considerou a agressividade como um dos componentes da pulsão sexual. Entretanto, a partir da observação dos fenômenos de repetição, como a compulsão à repetição, que faz com que o indivíduo se coloque repetidamente em situações desagradáveis, Freud (1920/1976) reconheceu a existência de uma pulsão de morte que atuaria além do princípio do prazer. Mais adiante, em seu texto *Mal-Estar na Civilização* (1930[1929]1974), Freud postula a inata inclinação humana para a agressividade, destrutividade e crueldade não erótica. Frente a esse aspecto, segundo ele a civilização deve usar esforços supremos a fim de estabelecer limites para as

pulsões agressivas do homem e manter suas manifestações sob controle através de reações psíquicas reativas.

Autores pós-freudianos, como Melanie Klein, igualmente trabalham o conceito de agressividade partindo da definição de pulsão de morte descrita por Freud, ao considerar a agressão, ou sua inibição, um fator decisivo do desenvolvimento e tendo a encarado como manifestação desta pulsão (Hinshelwood, 1992). Winnicott (1939), ao compartilhar suas idéias com Klein, entende que a agressão possui dois significados: constitui, direta ou indiretamente, uma reação à frustração, mas, também, é uma das maiores fontes de energia de um indivíduo. A partir da importância, apontada por Winnicott (1939), das características reais do ambiente e das experiências traumáticas infantis, a agressão pode ser considerada, igualmente, resultado da inadequação de fatores ambientais (Bleichmar & Bleichmar, 1992).

Sabe-se que a agressividade está presente desde os momentos iniciais da vida da criança, sendo considerada um aspecto estruturante de seu psiquismo. A forma de lidar com o impulso agressivo evolui com o desenvolvimento psíquico, atingindo graus cada vez mais elaborados de expressão. Neste contexto, a latência, que se estende desde os “cinco ou seis anos de idade até as fases puberais do desenvolvimento” (Kusnetzoff, 1982, p. 105), é considerada o período intermediário entre a sexualidade infantil (fase fálica) e a adulta (fase genital), conforme Rappaport, Fiori e Davis (1981). A latência pode ser compreendida como um período em que há um esforço realizado no sentido de organização, diferenciação, sofisticação e ampliação do aparato psíquico. Como consequência destes esforços, ocorre uma reordenação dinâmica e estrutural das pulsões nesta etapa do desenvolvimento psicosexual (Urribarri, 1999).

A capacidade para sublimar os impulsos instrumentaliza a criança para superar situações difíceis de caráter sexual e/ou agressivo durante seu desenvolvimento posterior, relativo à inserção social, via escola; por exemplo, quando obtém satisfações libidinais por meio de atividades sublimatórias (Sarnoff, 1995). Conforme López e Nunes (2003), é do recurso sublimatório que a criança latente se utiliza para expressar impulsos sexuais e agressivos, instrumentalizando-se para conseguir organizar melhor o brincar, ao mesmo tempo em que acaba se liberando das tensões que poderiam interferir em sua capacitação para a calma.

Entretanto, as vivências que necessitam ser processadas pelo psiquismo do latente não são somente internas, a criança também é exigida por uma série de fatores externos

(sociedade, escola, família) que estão diretamente relacionadas ao contexto cultural no qual está inserida. Nesse aspecto, Ferreira e Araújo (2001) salientam a relevância do *timing* (espera do tempo oportuno para a atualização de um comportamento ou etapa do desenvolvimento), ao considerar que a postura do ambiente não deve acelerar, pressionar, forçar ou invadir o desenvolvimento da criança; isso porque é nesse período que ocorre o desenvolvimento de valores afetivos, morais e sociais que levam à civilização (humanização). Entretanto, quando se pensa nas crianças latentes nos dias de hoje, em que a agressividade está tão visível, estando elas expostas às formas mais variadas de atos agressivos, destrutividade, pode-se questionar: Como esta realidade violenta é percebida pelo latente? Como a agressividade, neste contexto, é expressa pela criança desta faixa etária?

No decorrer das etapas do desenvolvimento infantil, compreende-se que a criança atravessa períodos de grande intensidade emocional, passa por etapas que lhe despertam diferentes sentimentos como medo, angústia e ansiedade. Para Bettelheim (2001), a criança necessita que lhe sejam dadas sugestões em forma simbólica sobre o modo como ela pode lidar com estas questões de seu desenvolvimento. Através do referencial psicanalítico, o autor buscou sistematizar a importância dos contos na vida psíquica das crianças, salientando os contos de fadas, pois elas podem encontrar suas próprias soluções através da contemplação das histórias. Os conflitos passam a ser vistos de fora, fazendo com que os problemas passem a ser mais fáceis de serem enfrentados (Corso & Corso, 2006).

Embora várias manifestações da agressividade possam ser observadas diretamente através de comportamentos, os motivos que justificam os atos agressivos não são sempre óbvios. O Teste Contos de Fadas (TCF) é uma medida projetiva desenvolvida por Carina Coulacoglou, psicanalista grega, que possibilita a compreensão dos motivos que impelem a criança a responder agressivamente. O presente estudo (inserido num projeto maior “Adaptação Brasileira do Teste dos Contos de Fadas”) busca identificar tipos de manifestações agressivas em crianças, no período evolutivo da latência, a partir das respostas emitidas ao Teste dos Contos de Fadas. O TCF, organizado para explorar sentimentos e atitudes infantis (Werlang & Macedo, 2008), apresenta subsídios para conhecimento do desenvolvimento da personalidade infantil, relacionamento interpessoal, ou funcionamento familiar (Coulacoglou, Souyouldjoglou & Atsarou, 2008).

A agressão, como exposto anteriormente, é um fenômeno presente em todas as faixas etárias e que, se bem administrada pode ser utilizada como potencial humano. Entretanto, é

preocupante o mau gerenciamento da agressividade, estando ela associada à violência, que, lamentavelmente, vem tomando conta de índices assustadores na sociedade atual. Identificando e analisando manifestações e tipos de conteúdos agressivos na fase da latência, será possível conhecer e definir formas de intervenções adequadas na clínica psicológica infantil, com o objetivo de ações de prevenção.

Método

Amostra

A amostra, localizada por conveniência, foi composta por 72 crianças dos sexos feminino e masculino, com idades entre 6 e 11 anos, matriculadas em escolas públicas e privadas da cidade de Porto Alegre. A partir do critério de classificação tipo de escola, o total (72) de sujeitos compreendeu dois subconjuntos de 36 cada um, conforme escola pública e privada. Cada um desses subconjuntos foi constituído novamente, por dois outros, de 18 crianças cada um, de acordo com o critério de classificação: sexo masculino e feminino. Por sua vez, cada um deles foi constituído novamente por mais dois outros subconjuntos de 9 sujeitos cada um, de acordo com o critério de classificação idade, compreendendo menor idade (6 a 8 anos) e maior idade (9 a 11 anos). Para inclusão dos sujeitos na amostra, os critérios foram: concordância dos pais para o filho (a) participar do estudo e ausência de comprometimento intelectual.

Instrumentos

Para caracterizar os participantes do estudo foi, utilizada uma Ficha de Dados Pessoais e Sociodemográficos. Este instrumento possibilitou registrar informações sobre: sexo, idade, escolaridade, composição do núcleo familiar, entre outros (ver Anexo D).

Para excluir casos com suspeita de comprometimento intelectual (percentil menor que 50), foi administrado, de forma individual, o Teste Matrizes Progressivas Coloridas de Raven - Escala Especial (Angelini et al, 1999). A administração foi realizada seguindo as instruções usuais que constam no manual, prevendo-se uma duração média de 20 a 30 minutos. O Teste de Matrizes Progressivas, desenvolvido originariamente pelo psicólogo J. C. Raven, foi criado como medida do fator "g", com base no referencial de Spearman. Como uma tarefa a ser cumprida, pode ser descrito como um teste de completamento e, em termos do tipo de item, é um teste de escolha entre soluções alternativas. O caderno

administrado é dividido em séries de matrizes ou desenhos que apresentam um problema introdutório, cuja solução é clara, fornecendo um padrão para a tarefa, que se torna progressivamente mais difícil. As respostas são classificadas como positivas ou negativas, e cada resposta certa recebe um ponto; o total de pontos é o escore obtido pelo sujeito. Este escore é transformado em percentil através do uso de uma tabela específica em associação com a idade do sujeito; assim, poderá ser estimado o nível intelectual de cada participante da amostra.

O Teste dos Contos de Fadas (TCF) é instrumento projetivo temático, organizado por Coulacoglou (1995/2000, 2008), na Grécia, sob critérios científicos rigorosos. Este instrumento foi desenvolvido a partir de uma tese de doutorado realizada na Universidade de Exeter (EUA), entre os anos de 1989 e 1993. O TCF destina-se, principalmente, a crianças com idades entre 6 e 12 anos. A construção do instrumento foi embasada na associação entre os contos de fadas, os processos inconscientes e o desenvolvimento infantil (Coulacoglou, 2008). Os estudos de fidedignidade e validade, desenvolvidos pela autora do instrumento, são plenamente satisfatórios.

Carina Coulacoglou é uma psicanalista infantil que, de forma pioneira, utilizou os contos de fadas na área de avaliação psicológica, mais especificamente na avaliação da dinâmica da personalidade, através da organização de uma técnica projetiva temática (Werlang & Macedo, 2008). O TCF é adequado para ser utilizado como técnica de avaliação clínica, possibilitando identificar diversas dimensões da personalidade infantil. Pode ser considerado como um instrumento temático porque contempla diversos temas, como sentimentos de privação, rejeição, preocupação sexual, que são avaliados através das respostas das crianças, mas também como um teste associativo em que a criança associa uma característica a uma história particular (Coulacoglou, 2008).

O TCF é composto por 21 cartões com imagens de cenas e personagens vinculados a contos de fadas, agrupados em sete séries com três cartões cada uma (ver Quadro 1). Os cartões apresentam desenhos de personagens oriundos de vários contos de fadas e cenas de duas histórias infantis. Os personagens (chapeuzinho vermelho, lobo, anão, bruxa, gigante), que constam nos cartões, são popularmente conhecidos e vêm desenhados em três versões; duas delas retratam os traços mais típicos e conhecidos desses personagens, que são historicamente divulgados nos livros e/ou filmes infantis, enquanto a terceira versão é mais rara e pretende estimular o surgimento de respostas originais positivas ou negativas. Os cartões com cenas são das histórias de *Chapeuzinho Vermelho* e da *Branca de Neve e*

os sete anões. Estas histórias, reconhecidamente, refletem, temas como afeto, inveja, agressão e violência, oralidade, sexualidade, narcisismo, relacionamento mãe e filho, sentimentos edipianos, rejeição, morte, a ressurreição e o renascimento.

Quadro 1. Composição da série de cartões do Teste Contos de Fadas na ordem de apresentação quando da administração do instrumento.

Serie de Personagens	Numero de Cartões
Chapeuzinho Vermelho	3 cartões (I, II, III)
Lobos	3 cartões (I, II, III)
Anões	3 cartões (I, II, III)
Bruxas	3 cartões (I, II, III)
Gigantes	3 cartões (I, II, III)
Série de cenas	Numero de Cartões
Chapeuzinho Vermelho	3 cartões (I, II, III)
Branca de Neve e os sete anões	3 cartões (I, II, III)

Fonte: Coulacoglou, 1995/2000, 2002a, 2002b.

Diferentemente de outras técnicas temáticas, a proposta não é a de contar histórias, mas sim que sejam respondidas algumas perguntas, uma vez que o conto já existe, os personagens são conhecidos e fazem parte de alguma maneira da realidade diária das crianças. Sem dúvida, como afirmam Coulacoglou e Souyouldjoglou (2005), os contos de fadas fazem parte do imaginário das crianças, enfocando temas que contêm verdades universais e refletem valores tradicionais como: amor, amizade, inveja, ajuda, violência, morte, ressurreição. Assim sendo, o TCF estimula os processos inconscientes estimulando a expressão e explorando sentimentos e atitudes da criança.

O TCF deve ser administrado individualmente, em um único encontro de, aproximadamente, 45 minutos. Antes da administração, o examinador deve verificar a familiaridade da criança com os contos de fadas que estão presentes no teste. Portanto, é essencial que a criança conheça os contos, principalmente a história de *Chapeuzinho Vermelho*, *Branca de Neve e os Sete Anões* e alguma história de gigantes, como, por exemplo, *João Pé de Feijão* ou *O Pequeno Polegar*. Se a criança não estiver familiarizada com os contos acima mencionados, aconselha-se remarcar a administração do teste para dali a uma semana, ou mais. Pode-se usar aquele espaço para ler as histórias com a criança ou indicar a sua leitura.

As instruções falam de um jogo a ser jogado em colaboração com o avaliador: "Nós vamos jogar um jogo com um dos heróis de um conto de fadas. Eu vou te fazer algumas perguntas e gostaria de ouvir tua opinião". Os cartões são apresentados na ordem padrão, um conjunto de cada vez, com o restante dos cartões mantidos fora do alcance da criança. Mediante a apresentação de cada conjunto, o personagem específico de cada cartão apresentado deve ser enfatizado: "Aqui nós temos Chapeuzinho Vermelho. O que cada uma delas pensa/sente?" ou "Estes são três anões. O que cada um deles pensa/sente?". Durante a aplicação do teste, um conjunto de perguntas é realizado (ver Quadro 2), devendo-se também anotar todos os comentários da criança, referências pessoais, mudanças na ordem dos cartões ou qualquer comportamento que possa ser útil a uma análise posterior. As respostas devem ser registradas pelo examinador no formulário adequado (Coulacoglou, 1995/2000, 2002a, 2002b).

Quadro 2. Perguntas realizadas nas sete séries de cartões do Teste Contos de Fadas quando da administração do instrumento.

Serie de Personagens	Perguntas
Chapeuzinho Vermelho	<ul style="list-style-type: none"> - O que cada uma pensa e sente? - Qual das três é Chapeuzinho Vermelho do conto? Por quê? - Qual das três você comeria se fosse o lobo? Por quê?
Lobos	<ul style="list-style-type: none"> - O que cada um pensa e sente? - Qual dos três lobos é o do conto Chapeuzinho Vermelho? Por quê? - Qual dos três te dá mais medo? Por quê?
Anões	<ul style="list-style-type: none"> - O que cada um pensa e sente? - Qual dos três anões é o do conto da Branca de Neve? Por quê? - Qual dos três anões você gostaria que se casasse com a Branca de Neve? Por quê?
Bruxas	<ul style="list-style-type: none"> - O que cada uma pensa e sente? - Qual das três bruxas é a dos contos? Por quê? - Qual das três te dá mais medo? Por quê? - Qual é a Bruxa mais malvada? Por quê? - O que pode fazer uma bruxa

	malvada? - Qual é o nome das bruxas?
Gigantes	- O que cada um pensa e sente? - Qual dos três é o gigante dos contos? Por quê? - Qual dos três te dá mais medo? Por quê? - Qual é o gigante mais malvado? Por quê? - O que pode fazer um gigante malvado? Qual é o nome dos gigantes?
Série de cenas	Perguntas
Chapeuzinho Vermelho	- Descreva cada desenho - Com qual desenho termina o conto? Por quê? - Com qual desenho você gostaria que o conto terminasse? Por quê?
Branca de Neve e os sete anões	- Descreva cada desenho - Com qual desenho termina o conto? Por quê? - Com qual desenho você gostaria que o conto terminasse? Por quê?

Fonte: Coulacoglou, 1995/2000, 2002a, 2002b.

As respostas dadas para cada cartão devem ser analisadas, levando em conta o seu conteúdo temático em conexão com a temática que cada personagem e cena refletem. As crianças projetam, nas suas respostas, pensamentos, sentimentos ou conflitos. Cada série de cartões busca eliciar temas específicos, conforme o quadro abaixo.

Quadro 3. Temas e Conflitos eliciados na Série de Cartões do Teste Contos de Fadas.

Série de Cartões	Temas e Conflitos
<i>Chapeuzinho Vermelho</i>	Conflito entre a autonomia e a obediência à autoridade, auto-imagem, sentimentos sexuais, ansiedade de separação, formas de lidar com o perigo.
<i>Lobo</i>	Conflito entre controlar ou liberar seus próprios desejos, conflito entre a agressão e o superego, necessidades orais, dominância.
	Medo de possíveis perigos/insegurança. Necessidades

<i>Anão</i>	afetivas, formas de lidar com o perigo, auto-imagem.
<i>Bruxa</i>	Relacionamento mãe-filho, sentimentos narcisistas, rivalidade entre irmãos, sentimentos edipianos, superego, agressão (mais frequentemente agressão como inveja/ciúme), dominância/ambições, auto-imagem.
<i>Gigante</i>	Agressão (mais frequentemente Dominância, Tipo A), necessidades orais, auto-imagem, sentimentos sexuais, relacionamento pai-filho.
<i>Cenas do Conto Chapeuzinho Vermelho</i>	Imagem materna, severidade do superego, conflito entre prazer e restrições morais, ansiedade da separação, depressão.
<i>Cenas da Branca de Neve</i>	Relacionamento homem-mulher, Relacionamento pai-criança, ansiedade de separação, conflito entre a autonomia e a obediência ao pai, conflito entre envelhecer e permanecer criança.

Fonte: Coulacoglou, 1995/2000, 2002a, 2002b, 2008.

A autora, Coulacoglou (2008), propõe a análise de 30 variáveis inseridas em 5 grupos maiores de componentes da personalidade: **Desejos e Necessidades** (Desejo por coisas materiais, Desejo de Superioridade, Desejo de Ajudar, Necessidades Orais, Necessidade de Afiliação, Necessidade de Aprovação, Necessidade de Afeto, Necessidade de Proteção); **Impulsos** (Preocupação Sexual, Bizarro, Agressão Oral, Agressão Tipo A, Agressão como Dominância, Agressão Instrumental, Agressão Tipo B – Agressão como Defesa, como Retaliação, por Inveja, Agressão por Ciúme), **Relações Objetais** (Relação com a mãe e Relação com o pai), **Estados Emocionais** (Medo de Agressão, Ansiedade, Depressão), **Funções do Ego** (Ambivalência, Auto-estima, Moralidade, Senso de Propriedade, Senso de Privacidade, Adaptação ao Conteúdo do Conto, Repetição).

As variáveis da personalidade encontradas no TCF são classificadas conforme a graduação de sua intensidade. Coulacoglou (2008) caracteriza uma escala de pontuação na qual as respostas verbalizadas são classificadas de 1 a 3, (em que 1 é baixa intensidade e 3 é alta); já no caso de certas variáveis, tais como Relacionamento com a Mãe (Rel/Mãe), Relacionamento com o Pai (Rel/Pai), a pontuação é de forma: positivas (+1) ou negativas

(-1), dependendo da natureza da resposta. Quando uma variável não ocorre em uma resposta, é atribuída uma pontuação de 0. Em relação à variável Adaptação ao Conteúdo do Conto, deve ser atribuída uma pontuação 0 quando nenhuma ação, qualquer que seja, estiver envolvida ou implicada na resposta, ou quando a criança responder: “Eu não sei” ou “Eu não lembro”, ou dá respostas “neutras”, sem significado.

Especificamente para a variável agressão, Coulacoglou (2008) propõe uma classificação de acordo com o motivo que desencadeou este sentimento/impulso. A descrição dos tipos é encontrada no Quadro 4.

Quadro 4. Definição da variável agressividade conforme Coulacoglou (1995/2000, 2002a, 2002b, 2008).

Variável	Descrição
<i>Agressão como Dominância (Agrdom)</i>	A agressão como dominância é um tipo de agressão por meio da qual a criança aprende a controlar o ambiente e adquirir autoconfiança. A dominância pode ser descrita também, como a necessidade de alguém influenciar, dissuadir, restringir o comportamento de outras pessoas. Esse comportamento decorre da tentativa de se obter um bem ou pode ser dirigido a uma pessoa com o propósito de intimidação ou dominação. No TCF isso é demonstrado pela necessidade de dominação ou autoafirmação através dos meios/modos agressivos. A Agressão como Dominância aparece nas respostas às perguntas dos cartões da Bruxa e do Gigante.
<i>Agressão Instrumental (Agrins)</i>	Pode ser caracterizada como um tipo adaptativo de agressão, que visa à obtenção do que é necessário ou desejável para a preservação da vida. No TCF, este tipo de agressão é frequentemente expresso como um desejo de ferir ou matar alguém para comer ou roubar dinheiro. A Agressão Instrumental aparece mais frequentemente nas respostas às perguntas sobre o Gigante.
	Esta forma de agressão inclui reações provocadas por motivos internos ou razões pessoais, alheias a estímulos externos. A maior parte das respostas que apresentam este tipo de agressão tem uma

<i>Agressão do Tipo A (Agra)</i>	justificativa interna. A criança não consegue ou recusa-se a justificar sua resposta agressiva. Também, às vezes, à justificativa por rancor, birra ou porque ele ou ela é má, malvado(a), mimado(a), etc.. A agressão do Tipo A aparece com mais freqüência em resposta a questões referentes às figuras da Bruxa e do Gigante.
<i>Agressão do Tipo B</i> <i>Agressão como Defesa, como Retaliação, por Inveja e por Ciúme</i>	Esta é uma forma de agressão que ocorre somente como uma reação a uma fonte ou distúrbio externo (agressão reativa). A reação é dirigida contra alguém que supostamente pode ter causado (inveja), causou (retaliação), ou está prestes a causar (defesa) mal a si próprio ou a outras pessoas. O comportamento agressivo reativo é um ato hostil apresentado em resposta a uma ameaça ou provocação percebida.
<i>Agressão Defensiva (Agrdef)</i>	O principal objetivo da agressão defensiva é a sobrevivência. É a necessidade de se proteger ou de proteger os outros frente ao perigo, quando tal proteção é agressiva por natureza. O perigo é imediato e tem que ser enfrentado aqui e agora. Aparece com mais freqüência nas respostas às questões relativas aos cartões dos Anões e dos Gigantes.
<i>Agressão como Retaliação (Agrret)</i>	A Agressão como retaliação é talvez o primeiro tipo de agressão aprendida nas experiências infantis na forma de punição. Os maiores evocadores deste tipo de agressão, durante os primeiros anos da escola, incluem ameaças e depreciação do ego e da auto-estima. A Agressão por retaliação aparece mais frequentemente em respostas às questões relativas às figuras da Bruxa e do Gigante.
<i>Agressão por Inveja (Agrinv)</i>	A inveja está relacionada à comparação do indivíduo com a outra pessoa. Refere-se ao descontentamento pessoal devido à posse que outras pessoas têm de algo que se gostaria ter. O comportamento agressivo é provocado pelas posses ou qualidades da vítima e não pelos atos. No TCF é expressa como a necessidade de

	causar dano a indivíduos que aparentem ser melhores em alguns aspectos do que o agressor. Este tipo de resposta aparece com mais frequência nas respostas aos cartões referentes às figuras da Bruxa.
<i>Agressão por Ciúme (Agrci)</i>	O ciúme ocorre num contexto de relações, mas especificamente quando uma pessoa compete com outra para conservar uma relação. Os afetos incluem medo da perda, ansiedade e suspeita ou raiva acerca de traição. A Agressão por Ciúme se encontra com maior frequência nas lâminas das Bruxas e frequentemente revela sentimentos do Complexo de Édipo.
<i>Agressão Oral (AO)</i>	A Agressão Oral é a forma de agressão mais arcaica e tem sua origem na fase oral. Este tipo de agressão é referida como “sadismo oral”, e implica o desejo de destruir o objeto. Manifestações características da Agressão Oral são, por exemplo, morder, mastigar, rasgar, ofender, amaldiçoar e ranger os dentes. A Agressão Oral aparece frequentemente em respostas às questões referentes às figuras do Lobo e do Gigante.
<i>Medo de Agressão (MA)</i>	O Medo de Agressão reflete o medo de um possível ataque, ameaça, perigo que se localiza no presente (o perigo é imediato). Aparece mais comumente em respostas relativas às figuras do Chapeuzinho Vermelho, do Lobo, do Anão, da Bruxa e do Gigante.

Coulacoglou, Souyouldjoglou e Atsarou (2002) investigaram a validade do constructo agressão a partir de estudo com crianças gregas de 7 a 12 anos, utilizando uma amostra de 803 crianças (405 meninos e 398 meninas), através da análise fatorial das variáveis do Teste Contos de Fadas e a comparação das pontuações do teste com a “Rutter Behavior Scales for Parents and Teachers” e com o “Children’s Personality Questionnaire (CQP)”. Nesse estudo, a validação da variável agressão foi examinada através do estudo dos perfis de personalidade das crianças que obtiveram altas pontuações nos diferentes tipos de agressividade avaliadas pelo TCF. Dessa amostra, formaram-se cinco grupos que

apresentaram significativa pontuação: Agressão Tipo A, Agressão como Dominância, Agressão por Retaliação, Agressão por Inveja e Não agressivos. Os achados apontaram maiores informações acerca da Agressividade como Dominância. Em contraste com o grupo não agressivo, as crianças que obtiveram altas pontuações neste tipo de agressividade são menos temerosas das agressões dos outros. Provavelmente, esse achado significa que o desejo de dominar ou superar os outros é tão forte que supera o medo do que os outros podem lhe fazer; neste contexto, houve uma correlação positiva entre a Agressividade como Dominância e a variável Desejo de Superioridade. Outro achado importante do estudo é o papel da mãe no desenvolvimento da agressividade. Uma mãe que é percebida como excessivamente rejeitadora pode contribuir com o desenvolvimento da passividade e temor da criança. Em termos gerais, os resultados desses estudos confirmaram o critério de diferenciação inicial proposta dos diversos tipos de agressão a serem observados e quantificados.

Procedimentos para a coleta e análise dos dados

Após a aprovação do projeto (ver Anexo B) deste estudo pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, foram realizados contatos com instituições escolares públicas e privadas de Porto Alegre, que possuíam alunos com idades entre 06 e 11 anos, a fim de obter a autorização necessária para a testagem das crianças. Previamente à administração dos instrumentos, foi encaminhada uma carta aos pais e/ou responsáveis dos alunos (ver Anexo C), acompanhada da Ficha de Dados Pessoais e Sociodemográficos (ver Anexo D) e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver Anexo E), com o objetivo de explicar a natureza e relevância do trabalho a ser desenvolvido bem como de obter (dos pais e/ou responsáveis) autorização de participação da criança. De posse do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e da Ficha de Dados Pessoais e Sociodemográficos, a administração dos instrumentos foi realizada, de forma individual, em um encontro na própria instituição, durante o período escolar, buscando assim não acarretar danos ao andamento normal das atividades curriculares. Os dados obtidos na Ficha de Dados Pessoais e Sociodemográficos foram analisados através de técnicas de estatística descritiva (frequências, médias, percentagens).

Todo o material verbalizado pelas crianças no TCF foi primeiramente avaliado por três juízes (J1, J2 e J3), que realizaram avaliações independentes com base no sistema de

categorização de respostas. A partir das avaliações dos juizes (psicólogas clínicas), foi utilizada a estatística Kappa, do programa Stata (2005), para avaliar o grau de concordância entre eles para a variável agressão. As comparações foram assim delineadas:

J1-J2	J1-J3	J2-J3	J1-J2-J3
--------------	--------------	--------------	-----------------

Para avaliar os resultados, levou-se em conta que a medida de concordância (Kappa) pode adquirir valores escalares de 0 (zero) a 1 (um). Para medidas intermediárias, foi utilizada a interpretação seguida por Landis e Koch (1977):

Valor	Interpretação
abaixo de 0,0	Mau
0,00 – 0,20	Leve
0,21 – 0,40	Regular
0,41 – 0,60	Moderado
0,61 – 0,80	Substancial
0,81 – 1,00	Quase perfeito

Posteriormente, foi realizado o levantamento de freqüências e percentagens dos tipos de conteúdos agressivos identificados nas respostas ao TCF. Por último, para verificar a associação das variáveis (tipo de conteúdos agressivos X idade, sexo, tipo de escola), foi utilizado estatística inferencial (Teste Exato de Fisher). Foi considerado o nível de 5% para a declaração de existência de significância estatística.

Resultados

A amostra deste estudo foi constituída por 72 crianças, com idade entre 06 e 11 anos ($M = 8,5$; $DP = 1,72$), divididas igualmente em relação ao tipo de escola (36 freqüentam escolas públicas e 36 escolas privadas), ao sexo (36 do sexo masculino e 36 do sexo feminino) e à idade (36 crianças de menor idade - 6 a 8 anos - e 36 de maior idade - 9 a 11 anos-). Em relação à série freqüentada pelos participantes do estudo, verificou-se que a maioria encontra-se entre a pré-escola e a 5ª série do Ensino Fundamental, havendo a seguinte distribuição entre elas: 11,1% na pré-escola, 13,9% na 1ª série, 23,6% na 2ª série, 13,9% na 3ª série, 16,7% na 4ª série, 20,8% na 5ª série. Esse dado justifica-se pelo fato de que constituía critério de inclusão para este estudo ter idade entre 06 e 11 anos, faixa etária que normalmente corresponde a alunos de Ensino Fundamental.

Através da Ficha de Dados Pessoais e Sociodemográficos, preenchida pelos responsáveis das crianças que participaram do estudo, foi possível obter outros dados que revelam que os participantes possuem desempenho escolar entre ótimo (65,3%), bom (27,8%) e regular (6,9). A maioria também não repetiu nenhuma série (97,2%), do total de 72. Em relação ao núcleo familiar dos participantes, observou-se que a metade dos participantes reside com os pais e com os irmãos (57%); na outra metade, há outros membros da família, como avós, tios e outros, morando com as crianças pesquisadas.

Para definição da classe econômica dos participantes, utilizou-se o critério de Classificação Econômica Brasil, publicado pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP, disponível em www.abep.org/codigosguias/ABEP_CCEB.pdf). Neste sistema de classificação, considera-se a posse de itens, como televisão em cores, rádio, automóvel, banheiro, carro, dentre outros, e atribuem-se pontos conforme a quantidade de itens. O grau de instrução do chefe de família é da mesma forma pontuado. A partir do somatório desses pontos, chega-se a uma classificação da classe econômica à qual pertence o indivíduo. Considerando assim, uma escala que apresenta como valor mínimo o zero e máximo 46, a distribuição dos 72 participantes de Porto Alegre, no que diz respeito a este quesito, pode ser observada na Tabela 4. No que diz respeito à renda familiar dos participantes, 55,6% recebem acima de 5 salários mínimos, 11,1% 3 a 5, 19,4% de 1 a 3, 9,7% até 1 salário mínimo e 4,2% não informaram.

Tabela 4. Distribuição em termos de frequência e porcentagem da classe econômica dos participantes (n = 72).

<i>Classe Econômica</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
A1	5	6,9
A2	18	25
B1	14	19,5
B2	12	16,7
C1	15	20,8
C2	5	6,9
D	3	4,2
Total	72	100

Quanto à presença de doenças físicas ou psicológicas, dos 72 participantes, 5 (6,9%), sofrem de doença respiratória (asma ou bronquite), dermatite ou refluxo e 10 (13,9%) dos participantes fazem uso de medicamento, como o uso de anti-histamínico, utilizado para o

tratamento de quadros alérgicos. Dentre os indivíduos que fizeram parte da amostra, apenas 2 (2,8%) mencionam apresentar transtorno psicológico (Enurese e Síndrome do Pânico) e 9 (12,5%) informam que realizam tratamento psicológico.

Para a verificação da concordância entre avaliadores que categorizaram e classificaram as respostas de maneira independente, calculou-se a estatística Kappa. Os resultados observados em cada uma das variáveis de agressão podem ser visualizados nas Tabelas a seguir.

Tabela 5. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todas as variáveis de agressão, considerando todos os cartões (n=72).

Categorias	Avaliadores	Kappa
Agressão como Dominância (Agrdom)	J1-J2	0,57
	J1-J3	0,55
	J2-J3	0,88
	J1-J2-J3	0,67
Agressão Instrumental (Agrins)	J1-J2	0,56
	J1-J3	0,42
	J2-J3	0,77
	J1-J2-J3	0,57
Agressão do Tipo A (Agra)	J1-J2	0,57
	J1-J3	0,52
	J2-J3	0,92
	J1-J2-J3	0,65
Agressão como Defesa (Agrdef)	J1-J2	0,86
	J1-J3	0,86
	J2-J3	1,0
	J1-J2-J3	0,90
Agressão como Retaliação (Agrret)	J1-J2	0,47
	J1-J3	0,49
	J2-J3	0,91
	J1-J2-J3	0,60
Agressão por Inveja (Agrinv)	J1-J2	0,08
	J1-J3	0,13
	J2-J3	0,89
	J1-J2-J3	0,21
Agressão por Ciúme (Agrci)	J1-J2	0,53
	J1-J3	0,49
	J2-J3	0,90
	J1-J2-J3	0,63
Agressão Oral (AO)	J1-J2	0,61
	J1-J3	0,53
	J2-J3	0,91
	J1-J2-J3	0,68
Medo de Agressão (MA)	J1-J2	0,70
	J1-J3	0,67
	J2-J3	0,93
	J1-J2-J3	0,77

Na Tabela 6, constam as frequências dos tipos de conteúdos agressivos, identificados nas respostas ao TCF, conforme idade, sexo e o tipo de escola. Como se pode observar, os conteúdos agressivos com maior frequência de respostas foram: Medo de Agressão (MA), Agressão Tipo A (Agra) e Agressão como Retaliação (Agrret).

Tabela 6. Frequências de respostas da variável Agressão conforme Escola, Sexo e Idade (n = 72)

<i>Grupo</i>	<i>MA</i> <i>f</i>	<i>Agrdom</i> <i>f</i>	<i>Agrins</i> <i>f</i>	<i>Agrdef</i> <i>f</i>	<i>Agrci</i> <i>f</i>	<i>Agrinv</i> <i>f</i>	<i>Agrret</i> <i>f</i>	<i>Agra</i> <i>f</i>	<i>AO</i> <i>f</i>
Geral	54	12	9	8	16	25	34	49	29
Menor Idade (6-8 anos)	28	5	6	5	8	11	14	24	12
Maior Idade (9-11)	26	7	3	3	8	14	20	25	17
Escola Pública	23	8	6	6	10	13	14	23	15
Meninas	12	2	1	1	7	8	8	10	9
Meninos	11	6	5	5	3	5	6	13	6
Menor Idade	11	5	4	3	4	5	7	12	7
Maior Idade	12	3	2	3	6	8	7	11	8
Escola Particular	31	4	3	2	6	12	20	26	14
Meninas	14	1	1	1	4	7	7	10	4
Meninos	17	3	2	1	2	5	13	16	10
Menor Idade	17	0	2	2	4	6	7	12	5
Maior Idade	14	4	1	0	2	6	13	14	9

Para obtenção dos resultados de associação das variáveis (tipo de conteúdos agressivos X idade, sexo e tipo de escola), foi utilizado o Teste Exato de Fisher, considerando o nível de 5% de significância estatística. Conforme Tabela 7, conclui-se haver associação significativa entre Agressão Tipo A (Agra) e sexo masculino ($p = 0,042$).

Tabela 7. Associação entre as variáveis da agressão e sexo (n=72).

Variável Agressão	Meninos <i>f</i>	Meninas <i>f</i>	<i>p</i>
Agrdom	9	3	0,111
Agrins	7	2	0,151
Agra	29	20	0,042*
Agrdef	6	2	0,260
Agrret	19	15	0,479
Agrinv	10	15	0,322
Agrci	5	11	0,155
AO	16	13	0,631
MA	28	26	0,786

* $p < 0,05$

Na Tabela 8 e 9, é apresentada a associação entre as variáveis da agressão e idade (maior e menor idade) e entre agressão e tipo de escola. Em ambas as situações não foi encontrada associação significativa.

Tabela 8. Associação entre as variáveis da agressão e idade (n=72).

Variável Agressão	Menor idade <i>f</i>	Maior idade <i>f</i>	<i>p</i>
Agrdom	5	7	0,753
Agrins	6	3	0,478
Agra	24	25	1,00
Agrdef	5	3	0,710
Agrret	14	20	0,238
Agrinv	11	14	0,621
Agrci	8	8	1,00
AO	12	17	0,337
MA	28	26	0,786

$p < 0,05$

Tabela 9. Associação entre as variáveis da agressão e tipo de escola (n=72)

Variável Agressão	Escola Pública <i>f</i>	Escola Privada <i>f</i>	<i>p</i>
Agrdom	8	4	0,343
Agrins	6	3	0,478
Agra	23	26	0,614
Agrdef	6	2	0,260
Agrret	14	20	0,238
Agrinv	13	12	1,00
Agrci	10	6	0,396
AO	15	14	1,00
MA	23	31	0,055

$p < 0,05$

Nas respostas dos sujeitos da amostra, foi possível identificar as frequências da variável agressão em cada uma das sete séries de cartões (Chapeuzinho Vermelho, Lobo, Anões, Bruxa, Gigante, Cena Conto Chapeuzinho Vermelho, Cenas Conto Branca de Neve). Na Tabela 10, é possível visualizar a variável Medo de Agressão, identificada em 54 sujeitos da amostra, nas séries - Chapeuzinho Vermelho, Lobo, Anões, Bruxa, Gigante ($f=114$).

Tabela 10. Sumário de Frequências da variável Medo de Agressão nas séries de cartões - Chapeuzinho Vermelho, Lobo, Anões, Bruxa, Gigante (n = 54).

<i>Série de cartões</i>	<i>Frequência da intensidade 1</i>	<i>Frequência da intensidade 2</i>	<i>Frequência da intensidade 3</i>	<i>Total de Respostas</i>
Chapeuzinho Vermelho	6	2	0	8
Lobo	26	6	4	36
Anões	2	1	0	3
Bruxa	19	5	3	27
Gigante	26	9	5	40
Total	79	23	12	114

Na Tabela 11, é possível visualizar a Variável Agressão Tipo A (Agra), identificada em 49 sujeitos da amostra, nas séries dos cartões - Lobo, Anões, Bruxa, Gigante e nas Cenas da Chapeuzinho Vermelho ($f=114$).

Tabela 11. Sumário de Frequências da variável Agressão Tipo A nas séries de cartões - Lobo, Anões, Bruxa, Gigante e nas Cenas da Chapeuzinho Vermelho (n= 49)

<i>Série de cartões</i>	<i>Frequência da intensidade</i>	<i>Frequência da intensidade</i>	<i>Frequência da intensidade</i>	<i>Total de Resposta</i>
	<i>1</i>	<i>2</i>	<i>3</i>	<i>s</i>
Lobo	2	2	9	13
Anões	1	0	0	1
Bruxa	9	25	18	52
Gigante	2	26	19	47
Cenas CV	1	0	0	1
Total	15	53	46	114

A Variável Agressão como Retaliação, conforme a Tabela 12, foi identificada em 34 sujeitos nas séries de cartões: Chapeuzinho Vermelho, Lobo, Bruxa e Gigante ($f= 55$). Por outro lado, como mostra a Tabela 13, a Variável Agressão Oral, identificada em 29 sujeitos, esteve presente nas respostas das séries de cartões: Lobo, e Gigante ($f= 45$).

Tabela 12. Sumário de Frequências da variável Agressão como Retaliação nas séries de cartões - Chapeuzinho Vermelho, Lobo, Bruxa e Gigante (n = 34).

<i>Série de cartões</i>	<i>Frequência da intensidade</i>	<i>Frequência da intensidade</i>	<i>Frequência da intensidade</i>	<i>Total de Respostas</i>
	<i>1</i>	<i>2</i>	<i>3</i>	<i>as</i>
Chapeuzinho Vermelho	1	0	0	1
Lobo	0	2	3	5
Bruxa	8	7	6	21
Gigante	1	16	11	28
Total	10	25	20	55

Tabela 13. Sumário de Frequências da variável Agressão Oral nas séries de cartões - Lobo e Gigante (n = 29).

<i>Série de cartões</i>	<i>Frequência da intensidade</i>	<i>Frequência da intensidade</i>	<i>Frequência da intensidade</i>	<i>Total de Respostas</i>
	<i>1</i>	<i>2</i>	<i>3</i>	
Lobo	19	13	2	34
Gigante	5	6	0	11
Total	24	19	2	45

Na Tabela 14, é possível visualizar a Variável Agressão por Inveja, identificada em 25 sujeitos, pontuada apenas na série de cartões da Bruxa ($f=33$). A Variável Agressão por Ciúme (ver Tabela 15), identificada em 16 sujeitos, foi encontrada nas séries de cartões - Chapeuzinho Vermelho, Lobo, Bruxa e Gigante ($f=27$).

Tabela 14. Sumário de Frequências da variável Agressão por Inveja na série de cartões da Bruxa ($n = 25$).

<i>Série de cartões</i>	<i>Frequência da intensidade</i>	<i>Frequência da intensidade</i>	<i>Frequência da intensidade</i>	<i>Total de Respostas</i>
	<i>1</i>	<i>2</i>	<i>3</i>	
Bruxa	4	9	20	33
Total	4	9	20	33

Tabela 15. Sumário de Frequências da variável Agressão por Ciúme nas séries de cartões - Chapeuzinho Vermelho, Lobo, Bruxa e Gigante ($n = 16$).

<i>Série de cartões</i>	<i>Frequência da intensidade</i>	<i>Frequência da intensidade</i>	<i>Frequência da intensidade</i>	<i>Total de Respostas</i>
	<i>1</i>	<i>2</i>	<i>3</i>	
Chapeuzinho Vermelho	1	0	0	1
Lobo	1	0	0	1
Bruxa	6	6	8	20
Gigante	0	1	4	5
Total	8	7	12	27

Na Tabela 16, consta a Variável Agressão como Dominância, identificada em 12 sujeitos nas séries dos cartões - Bruxa ($f=13$) e Gigante ($f=4$). A variável Agressão Instrumental (ver Tabela 17) foi identificada nas respostas de 9 sujeitos, tendo sido pontuada nas séries - Lobo, Bruxa e Gigante ($f=14$).

Tabela 16. Sumário de Frequências da variável Agressão como Dominância nas séries de cartões - Bruxa e Gigante ($n = 12$).

<i>Série de cartões</i>	<i>Frequência da intensidade</i>	<i>Frequência da intensidade</i>	<i>Frequência da intensidade</i>	<i>Total de Respostas</i>
	<i>1</i>	<i>2</i>	<i>3</i>	
Bruxa	6	3	4	13
Gigante	3	0	1	4
Total	9	3	5	17

Tabela 17. Sumário de Frequências da variável Agressão Instrumental nas séries de cartões - Lobo, Bruxa e Gigante (n = 9).

<i>Série de cartões</i>	<i>Frequência da intensidade</i>	<i>Frequência da intensidade</i>	<i>Frequência da intensidade</i>	<i>Total de Respostas</i>
	<i>1</i>	<i>2</i>	<i>3</i>	
	Lobo	0	0	
Bruxa	1	0	5	6
Gigante	0	1	6	7
Total	1	1	12	14

Na Tabela 18, é possível visualizar a Variável Agressão como Defesa, identificada em 8 sujeitos, nas séries dos cartões - Chapeuzinho Vermelho ($f=3$), Lobo ($f=3$), Anões ($f=3$) e Gigante ($f=4$).

Tabela 18. Sumário de Frequências da variável Agressão como Defesa nas séries de cartões: Chapeuzinho Vermelho, Lobo, Anões e Gigante (n = 8).

<i>Série de cartões</i>	<i>Frequência da intensidade</i>	<i>Frequência da intensidade</i>	<i>Frequência da intensidade</i>	<i>Total de Respostas</i>
	<i>1</i>	<i>2</i>	<i>3</i>	
	Chapeuzinho Vermelho	0	2	
Lobo	0	2	1	3
Anões	0	2	1	3
Gigante	0	2	2	4
Total	0	8	5	13

Discussão

O presente estudo está inserido num projeto maior “Adaptação Brasileira do Teste dos Contos de Fadas”, que tem como principal objetivo criar subsídios para a adaptação brasileira do TCF. Até o momento, nesse projeto, foi possível testar 224 sujeitos da cidade de Porto Alegre e 75 da cidade de São Paulo. A amostra final prevê a testagem de 800 sujeitos das cidades de Porto Alegre, São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro. No presente estudo, a Tabela 5 permite visualizar uma primeira análise (amostra de 72 crianças) sobre o nível de concordância entre juízes para as categorias da variável agressão do Sistema de Categorização de Respostas ao TCF, considerando-se que a medida de concordância pode variar entre 0 e 1, sendo 0 (zero) representante de uma concordância ruim, ou mesmo a ausência de concordância, e 1 (um) uma concordância perfeita. A partir dos resultados obtidos, é possível dizer que eles foram, na sua maioria, satisfatórios, uma

vez que a concordância alcançada foi de valores moderados (Agressão Instrumental), substanciais (Agressão como Dominância, Agressão Tipo A, Agressão como Retaliação, Agressão por Ciúme, Agressão Oral, Medo de Agressão) e quase perfeitos (Agressão como Defesa) na maioria das categorias da agressão. Isso significa que os psicólogos que atuaram como juízes concordaram bastante em suas avaliações. Contudo, cabe mencionar que, para a categoria Agressão por Inveja, a concordância entre os juízes (J1-J2-J3) foi regular indicando a necessidade de revisar o entendimento da definição desta categoria. Sem dúvida, a única forma de garantir que examinadores distintos interpretem um mesmo protocolo de maneira semelhante é certificando-se de que eles partirão do mesmo ponto, e, para isso, bom conhecimento e compreensão do sistema de categorização das respostas são fundamentais. Neste cenário, a investigação da fidedignidade entre avaliadores torna-se primordial, pois ela busca definir o grau de precisão da medida em estudo, no momento em que a preocupação dos psicólogos deve ser a de realizar julgamentos de forma segura a respeito do sujeito que se está avaliando. Esses resultados, mesmos que parciais (só para a categoria agressão), são bastante expressivos, considerando-se o número pequeno da amostra.

O período da latência, equivocadamente, é caracterizado como uma etapa do desenvolvimento infantil preparatória para a adolescência e um estágio no qual nada ocorre, sendo considerado um estado de “espera” para o grande período de mudança posterior (Urribarri, 1999). Acreditava-se, segundo Ferreira e Araújo (2001), que, neste período ocorria uma mera postergação temporal, carente de sentidos em que a criança se encontrava sob o controle repressivo dos impulsos, até a chegada da adolescência, para que, então, ocorressem as manifestações das pulsões sexuais. Entretanto, ao aprofundar o conhecimento da dinâmica psíquica neste período, é possível compreender que todos os processos vivenciados, tanto internamente quanto externamente, nesta fase, são fundamentais para a instrumentalização do latente no que se refere às exigências do seu desenvolvimento posterior.

Na amostra em estudo, verificou-se que a maior parte das crianças encontra-se entre a Pré-escola e a 5ª série do Ensino Fundamental, etapa que é caracterizada pelo início da alfabetização e das relações sociais. O desempenho escolar dos participantes, pelas informações colhidas, caracteriza-se como predominantemente ótimo, apresentando baixo número de repetições escolares na amostra. Blos (1998) ressalta a importância da escola para a criança no período da latência, para o autor, a entrada na escola estabelece uma importante mudança no processo de socialização, pois responde a uma necessidade própria

e real da criança. Isso é possível, pois, nesse período, há um esforço realizado no sentido de organização, diferenciação, sofisticação e ampliação do aparato psíquico, e a criança, na fase de latência, torna-se assim mais calma, manejável e educável (Urribarri, 1999, Ferreira & Araújo, 2001).

É na latência então, que a capacidade para sublimar os impulsos instrumentaliza a criança para superar situações difíceis de caráter sexual e/ou agressivo durante seu desenvolvimento posterior, relativo à inserção social, via escola; por exemplo, quando obtém satisfações libidinais por meio de atividades sublimatórias (Sarnoff, 1995). A agressão, durante o desenvolvimento da criança, sofre modificações que são resultados da interposição de um grupo de mecanismos de defesas, tais como: sublimação, as atividades compulsivo-obsessivas, o fazer e o anular, a formação de símbolos e de fantasia, as formações reativas e as repressões. As fantasias, formações reativas e padrões de comportamento, cuidadosamente monitorados e socialmente aceitos, tornam-se as válvulas principais de escape para a agressão (Sarnoff, 1995). Considerando as características do período da latência e do fenômeno psíquico da agressão nesta etapa, os resultados deste estudo apontam para o uso de respostas da categoria Medo de Agressão (MA) como recurso frente a situações de ameaças com as quais os personagens do TCF se deparam; e Agressão Tipo A (Agra) e Agressão como Retaliação (Agrret) como principais motivações que as impelem a responder de forma agressiva (ver Tabela 6).

A variável Medo de Agressão (MA) representa o medo de possível ataque, ameaça ou perigo real. Tal estado emocional, em termos gerais, foi identificado por um número expressivo de sujeitos, apontando que, para 54 crianças da amostra, a agressão é predominantemente sentida como externa, e o medo é a forma encontrada de lidar com este impulso. O pensamento kleiniano considera que os fatores internos têm uma ação definitiva para o psiquismo e aponta que a angústia suscitada na criança por seus impulsos destrutivos age de duas maneiras (Klein, 1975b). Em primeiro lugar, torna a criança temerosa de ser exterminada por seus próprios impulsos destrutivos; em segundo lugar, faz convergir todos esses temores sobre o objeto externo, considerado como uma fonte de perigo, e contra o qual são dirigidos sentimentos sádicos. Parece que a criança desloca para o objeto toda a carga de medo intolerável que lhe inspiram os desejos instintivos, trocando, pois, os perigos internos pelos externos. Nesse sentido, a angústia persecutória é experimentada pelo ego como uma ameaça de forças hostis que o atacam, mas tendo esta angústia uma origem principalmente interna (Bleichmar & Bleichmar, 1992).

Quando o sujeito se depara com atos agressivos, o primeiro movimento, normalmente, feito é tentar compreender qual o possível motivo que o originou. Entre as causas mais freqüentes encontradas aparece a inveja - quando o agressor, em roubos e assaltos quer se apoderar do que o outro possui e que lhe falta; a vingança - quando a vítima tenha sido, de algum modo, ferida pelo agressor no passado; por dominação - quando o agressor ataca indivíduos mais fracos ou animais; ou por defesa própria. Em certas ocasiões, porém, as causas não são evidentes (Coulacoglou, Souyouldjoglou & Atsarou, 2002; 2008). A variável Agressão Tipo A (Agra), definida como uma forma de descarga de impulsos agressivos, de forma hostil que, conforme Coulacoglou e Kotsoni (2008), refletem respostas sádicas, foi um dos tipos de respostas freqüentes pontuadas pelos sujeitos (49) da amostra. Tal achado é similar ao estudo realizado na Grécia por estas autoras, que entendem que a possível explicação para os impulsos agressivos das crianças gregas pode estar relacionada às atitudes das famílias e às formas de disciplinas impostas. Certamente, a história cultural e social da Grécia apresenta diferenças em relação à brasileira; contudo, no Estado do Rio Grande do Sul, as famílias, por suas origens européias, também, de maneira geral, têm valores de exigência e disciplina. Frente a esse aspecto, é possível inferir que a freqüência de respostas hostis, na presente amostra, também pode estar vinculada às normativas e regras comumente utilizadas pelas famílias.

Agressão como Retaliação é um tipo de conduta agressiva que pode ser eliciada, segundo Hartup (1974), em um contexto no qual ocorram frustrações, ameaças ao ego ou depreciações à auto-estima. Tais emoções, sentidas como perigosas, fazem com que, freqüentemente, ocorram reações de ataque hostil contra quem possa ser agente de intimidação. Coulacoglou (2008) define a agressão retaliatória como a mais comum observada na forma de punição de condutas percebidas como erradas e a diferencia da agressão como defesa pela seqüência temporal. Segundo a autora, a retaliação implica uma reação a algo que ocorreu no passado, e a defesa seria uma resposta imediata ao perigo, no aqui e agora. O potencial agressivo vingativo é considerado também de intensidade muito maior, sendo uma ação, freqüentemente, realizada de forma mais cruel e insaciável (Fromm, 1973). Esse tipo de resposta agressiva, na amostra em estudo, é utilizado por 34 crianças, o que nos faz pensar: o que será que pode levar o latente a agir de forma vingativa, pensando em suas características emocionais? Para Blos (1998), a latência, em termos do desenvolvimento, pode ser considerada uma fase incompleta. Se por um lado, o avanço da autonomia possibilita ao ego distinguir entre a realidade e fantasia, por outro, ainda são encontradas formas infantis de expressão e manejo dos impulsos. Sendo assim,

em situações em que crianças dessa faixa etária possam sentir-se ameaçadas, a reação hostil, o ataque vingativo, de forma impulsiva, é um recurso utilizado.

A partir dos achados na presente amostra de 72 crianças, cabe ressaltar uma diferença encontrada entre a amostra em estudo e a investigação de Coulacoglou e Kotsoni (2008). No estudo realizado pelas autoras, a Agressão como Dominância, estimulando sentimentos de culpa, apareceu como sendo o tipo predominante encontrado em comparação com outras formas de agressão. Expressões de agressão como dominância, comumente, estão relacionadas com violência e sadismo; e as autoras apontam que a complexa natureza grega, caracterizada por uma história de desastre, guerra civil, regimes ditatoriais, ocupações estrangeiras, possui certamente influência sobre o desenvolvimento da personalidade dos indivíduos que vivem nesta região. Em contrapartida, na presente amostra, a Agressão como Dominância não obteve uma frequência expressiva nas respostas (ver Tabela 6), o que pode indicar que, em nosso contexto, a predominância da motivação para o comportamento agressivo está mais relacionada com a Agressão como Retaliação e com a Agressão Tipo A, que igualmente podem estar vinculadas a fatos/situações violentos e saídas comportamentais sádicas.

Não foi identificada associação significativa entre os tipos de conteúdos agressivos e as idades dos participantes; igualmente, não houve associação entre os tipos de conteúdos agressivos e o tipo de escolas. Certamente esses achados deverão ser novamente analisados com uma amostra maior de sujeitos. Entretanto, foi possível identificar associação entre a Agressão Tipo A (Agra) e a variável sexo masculino (ver Tabela 7). Tal achado pode ser comparado com o estudo observacional realizado por Hartup (1974) nos EUA com seis grupos de crianças, divididos em subgrupos de idades entre a pré-escola e as séries iniciais, do sexo feminino e masculino. Através de observação destes subgrupos, o autor identificou, de maneira geral, que os meninos foram mais agressivos do que as meninas, principalmente nos incidentes de agressividade hostil. Também o estudo de Pavarino, Del Prette e Del Prette (2005), utilizando técnica observacional sobre agressividade e empatia na infância com crianças pré-escolares, identificou uma tendência de maior proporção de condutas agressivas entre meninos e tendências empáticas entre as meninas.

Ainda sobre a agressividade e a diferença entre os sexos, como aponta Bee (1997), parece provável que fatores biológicos e sociais estejam relacionados à maior prevalência de agressividade em meninos. Apesar das diferenças culturais encontradas conforme o contexto no qual a criança está inserida, a autora acredita que o envolvimento da criação e da natureza são importantes influências sociais capazes de estimular níveis elevados de

agressão no sexo masculino. Culturalmente, neste sentido, a prevalência da Agressão Tipo A entre meninos no presente estudo pode estar relacionada aos estímulos agressivos aos quais eles estão constantemente sendo expostos em nossa sociedade, desde o incentivo à escolha por brinquedos associados à violência, como armas, objetos de lutas, assim como no contato com a televisão, tendo acesso a programas violentos.

No período da latência, as histórias, dramatizações e os heróis passam a ser representantes dos impulsos, o que permite uma identificação passiva (Ferreira & Araújo, 2001). Nesse sentido, o Teste Contos de Fadas (TCF), a partir da associação entre contos de fadas e processos inconscientes, possibilita o acesso à agressão em relação às suas motivações levando em conta o conteúdo temático das séries de cartões, visto que as crianças projetam nas suas respostas pensamentos, sentimentos ou conflitos (Coulacoglou, Souyouldjoglou & Atsarou, 2008). Como apontam os resultados das Tabelas 10, 11 e 12, as variáveis com maior frequência identificadas foram: Medo de Agressão (MA), Agressão Tipo A (Agra) e Agressão como Retaliação (Agrret) nas séries de cartões, o que confirma, em muitos aspectos, a descrição dos conflitos eliciados em cada série proposta por Coulacoglou (1995/2000, 2002a, 2002b, 2008).

A maior frequência de respostas da variável Medo de Agressão (MA) é encontrada nas séries de cartões Lobo e Gigante. Se, por um lado, tais séries trabalham com temas relacionados à agressão, ao conflito entre a agressão e o superego, às necessidades orais e desejo de dominação, por outro, percebe-se que a agressão é sentida, com intensa frequência, como externa, o que faz com que a criança sinta-se temerosa destes impulsos, que ora podem ser projetados nos personagens e vivenciados como o temor de objetos devoradores (Kernberg, 1989). Nesse sentido, tal achado vem ao encontro do estudo de Coulacoglou e Kotsoni (2008), na Grécia em 2000-2003, em que um interessante achado identificado foi a correlação entre o mecanismo de identificação projetiva e a intensa emoção de medo. Conforme as autoras, isso significa que, ocasionalmente, o medo de agressão sentido pelo objeto é o próprio potencial agressivo da criança projetado na figura externa.

Coulacoglou (2008) pontua que a agressão e a violência abordadas nos contos, na maioria dos casos, possuem uma motivação. Os motivos de privação ou retaliação (vingança), especialmente na forma de punição, são considerados como causas justificadas para os atos mais cruéis. Conforme os resultados apresentados na Tabela 12, é possível visualizar que, assim como proposto por Coulacoglou, Souyouldjoglou e Atsarou (2008), a Agressão como Retaliação (Agrret) possui considerável frequência de respostas nas séries

Bruxa e Gigante. Esse fato ressalta que, nas respostas pontuadas nestas séries de cartões, a vingança é uma das motivações à agressão para estas crianças como forma de punição. A Agressão Tipo A também obteve uma expressiva frequência de respostas (Tabela 11). Apesar de serem pontuadas respostas deste tipo nas séries Lobo, Anões e Cenas da Chapeuzinho Vermelho, a maior frequência foi encontrada nas séries de cartões Bruxa e Gigante, como confirma o estudo de Coulacoglou, Souyouldjoglou e Atsarou (2008). Cabe ainda ressaltar que, mesmo sendo a agressão como inveja ou como ciúme as formas mais frequentes encontradas na série das bruxas, conforme apontam as autoras, a Agressão Tipo A apresentou relevante pontuação. Isso indica que, para estes sujeitos, a agressão nesta série de cartões é motivada também por respostas hostis, sádicas, que aparentemente não possuem justificativas externas.

Mesmo sendo identificada por um número menor de sujeitos, a Agressão Oral (ver Tabela 13) foi pontuada em um número frequente de respostas, com destaque na série de cartões do Lobo, o que corrobora a colocação de Coulacoglou (2008) ao apontar que o conto Chapeuzinho Vermelho é considerado um exemplo desta categoria da agressão. Conforme a autora, neste conto a violência explícita marcada pela forma canibalística, que seria considerada a razão do lobo comer a heroína, é representada pela figura do lobo devorando Chapeuzinho Vermelho e sua avó. Essa pode ser considerada uma forma primitiva de posse, controle e dominância do outro. Ao atacar e devorar, o personagem incorpora as qualidades e atributos da vítima, impondo-se, expressando assim, uma forma de superioridade (Coulacoglou & Kotsoni, 2008). Nesse sentido, frente às temáticas eliciadas pela série do Lobo, tais como os conflitos entre controlar ou liberar seus próprios impulsos, entre agressão e o superego, a frequência da variável Agressão Oral encontrada de respostas apareceu como motivação para a agressão, apontando que os impulsos agressivos são expressos por estas crianças ainda de forma primitiva, sem o esperado controle de recursos superegóticos do período da latência.

Considerações finais

Embora as várias manifestações da agressão possam ser observadas diretamente, os motivos que impulsionam estes atos nem sempre são óbvios. O Teste Contos de Fadas, então, parece se mostrar um instrumento útil, podendo ser considerado uma medida de avaliação projetiva que estuda os motivos que impelem a criança a responder de forma agressiva. Os resultados deste estudo apontam para um primeiro indício de existência de concordância entre os juízes nas avaliações feitas dos subtipos de agressão, o que dá

indicativos de que o teste pode ser considerado um bom instrumento para avaliar com precisão, o que se propõe.

A latência é um período de extrema importância no desenvolvimento infantil, podendo ser considerada uma etapa “estratégica” em termos psíquicos no que se refere às etapas posteriores. Percebe-se que suas características peculiares de estruturação de defesas e elaboração de conflitos, vivenciados nas etapas anteriores da infância, preparam o latente para lidar com impulsos, como os agressivos, de forma diferenciada. A importância da escola nesta etapa é fundamental, pois o enfoque dado à aprendizagem, às amizades, às brincadeiras ocupa a criança e a insere no convívio social. Cabe ressaltar que, mesmo neste novo ordenamento psíquico que emerge, em que ocorre uma sublimação dos impulsos, foi possível perceber significativas expressões de conteúdos da agressão nesta faixa etária.

Ao se deparar com situações que eliciam conflitos agressivos, o medo foi a emoção sentida pelas crianças de forma mais frequente. A agressão é, então, percebida como externa, demonstrando que o latente projeta seus sentimentos e conflitos nos personagens e, ao mesmo tempo, teme-os. Considerada uma forma de descarga de impulsos agressivos, a agressão, por motivos internos, igualmente obteve alta identificação entre as crianças, o que pode estar associado com a cultura familiar na qual ela está inserida. A prevalência de meninos que apresentaram este tipo de agressão aponta para a diferença cultural existente entre os sexos, em que meninos são mais estimulados ao contato com a violência nas brincadeiras, como lutas e, até mesmo, em programas de televisão, a que estão constantemente expostos. Valores e exigências rígidas estabelecidas pelas famílias podem embasar esta forma, muitas vezes, sádica, de motivação para respostas agressivas. A Agressão como Retaliação, da mesma forma, também obteve significativa expressão como forma de punição reativa em contextos frustrantes no qual a criança sinta sua auto-estima de alguma forma ameaçada. Cabe ressaltar a importância de compreensão desta motivação para a agressão, uma vez que ela pode atingir graus de violência extrema.

Os contos de fadas são considerados um importante canal de acesso a conflitos e sentimentos inconscientes, sendo os heróis, muitas vezes, representantes de seus impulsos. A partir dos conflitos e temas eliciados por cada série de cartões, como proposto inicialmente pela autora do teste, foi possível perceber que o conteúdo agressivo esteve presente nas principais séries de cartões que se propunham a trabalhar com este conteúdo. A partir desta técnica projetiva, foi possível identificar que as crianças desta amostra apresentaram respostas de caráter agressivo (motivação para agressão) predominantemente como descarga de impulsos agressivos, como forma de vingança reativa, ou, ainda, com

características canibalísticas, o que caracteriza uma forma mais primitiva de ação. Entretanto, Medo de Agressão, caracterizado como estado emocional, obteve importante prevalência nas respostas, mostrando que esta foi uma das maneiras encontradas pelo latente de lidar com seus impulsos mais agressivos, colocando-os externamente.

Em termos gerais, é possível compreender, frente a estes resultados, como a agressão se apresenta nesta etapa do desenvolvimento, na qual espera-se que a criança esteja mais preparada em termos emocionais para superar questões difíceis de caráter agressivo. Ao deparar-se com situações que eliciam conflitos desta natureza, cada criança terá formas diferentes de reação, e buscar compreender estas formas pode nos fornecer importantes subsídios para compreensão da dinâmica de sua personalidade bem como de suas relações interpessoais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO

A agressão está presente em todos os seres humanos e seus sinais podem ser percebidos desde muito cedo, exercendo importante influência no desenvolvimento da personalidade do indivíduo. A sociedade, desde seus primórdios, sofre constantemente com a agressão manifestada pelos indivíduos, através de condutas destrutivas, que agem de forma a prejudicar tanto o outro como a si mesmo. Entretanto, apesar da agressão estar comumente associada a fins destrutivos, ela também serve como potencial para o desenvolvimento humano, sendo considerada uma força de vida. Frente a esses diferentes fins que a agressão pode ter, cabe compreendermos este fenômeno psíquico, para que assim se procure prevenir o caráter destrutivo da agressão, que tanto prejudica o convívio social através dos altos níveis de violência.

No decorrer do desenvolvimento da personalidade infantil, o impulso agressivo é expresso de maneiras distintas e sofre, com o passar do tempo, gradativa evolução nas formas de sua expressão. Uma maneira de identificar a agressão é através de comportamentos destrutivos, mas, nem sempre a agressão se manifesta através da conduta, o que não significa que ela não está presente, pois não há dúvida de que este impulso opera no psiquismo infantil desde o nascimento. Especialmente na latência, este componente psíquico é desviado para fins sublimatórios, característicos desta fase. Ou seja, o latente lida com seus impulsos agressivos de forma diferenciada, canalizando-os para atividades de socialização e aprendizagem. Esse redirecionamento é extremamente necessário e saudável, uma vez que fortalece o indivíduo psiquicamente, ao estruturar defesas mais maduras para as etapas posteriores do desenvolvimento, como a adolescência, que se caracteriza por uma etapa de intensas mudanças, tanto físicas como emocionais.

Frente às modificações que sofre este impulso, conforme a exigência de cada etapa do desenvolvimento, e considerando a latência uma etapa estratégica do ciclo vital, na qual intervenções psicológicas podem ser consideradas também preventivas, é talvez na infância que se possa evitar a presença futura de transtornos de conduta e personalidade, comumente associados aos atos violentos e destrutivos. Ao intervir nestas etapas iniciais, muitas vezes em famílias nas quais a agressão encontra-se presente, é possível promover outro fim a descarga agressiva que não seja a perpetuação desta forma de recurso utilizado para lidar com situações conflituosas vividas. Torna-se necessária então, a busca de estratégias de compreensão deste fenômeno psíquico; pois, ao acessar o conteúdo agressivo, é possível compreender a sua dinâmica presente bem como conhecer aspectos

da personalidade da criança e contexto familiar, estreitamente relacionado ao seu funcionamento.

A partir dessa necessidade é que se apresenta o instrumento utilizado neste estudo. O Teste Contos de Fadas possui um diferencial ao possibilitar o conhecimento dos motivos que levam a criança a responder de forma agressiva. Na presente investigação, buscou-se verificar a frequência de conteúdos agressivos identificados nesta etapa do desenvolvimento e neste instrumento. Frente aos achados deste estudo através do Teste dos Contos de Fadas, foi possível perceber, na criança latente, repostas motivadas pela agressão, mesmo encontrando-se, em princípio, mais calma (como resultado dos impulsos que estão canalizados pelo atuar de mecanismos defensivos). Avaliar um sujeito não é uma tarefa fácil. Mas as técnicas projetivas são ferramentas que possibilitam o acesso ao simbolismo psíquico. Nesse sentido, é de fundamental importância reunir esforços para colaborar na investigação das propriedades psicométricas destas técnicas, como forma de garantir sua precisão e validade para realizar julgamentos clínicos. Assim sendo, esta Dissertação possibilitou o estudo e a estruturação de um trabalho que permitiu resgatar posicionamentos teóricos, dentro do referencial psicanalítico, sobre a agressão e operacionalizar a identificação desta variável numa técnica projetiva, colaborando com um projeto maior de adaptação para a realidade brasileira do Teste dos Contos de Fadas.

Como em todo estudo, cabe, também assinalar as limitações deste. Assim, é preciso registrar que as limitações dos resultados estão diretamente relacionadas ao número da amostra de 72 participantes. No projeto maior que está sendo desenvolvido, com uma amostra à nível nacional de 800 sujeitos, será possível chegar a resultados mais consistentes sobre a relação ou não entre o período de latência e a variável agressão (como categoria de resposta). Da mesma forma, será possível identificar e analisar com maior precisão a associação entre as avaliações feitas pelos juízes para obter o índice de concordância Kappa. Por outro lado, o maior número de sujeitos possibilitará um número adequado de repostas para cruzar os dados das categorias da variável agressão com o objetivo de compreender a sua possível associação com outras variáveis e com os temas eliciados em cada série de cartões do instrumento.

Em que pese as limitações mencionadas, esta Dissertação contribui com o material coletado para desenvolvimento e adaptação de mais um instrumento de avaliação psicológica para a realidade brasileira. Também, com os resultados evidenciados, possibilita iniciar uma compreensão qualitativa das repostas de conteúdo - agressão no período da latência - através de uma técnica projetiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abraham, K. (1965). *Teoria Psicanalítica da Libido: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido*. Rio de Janeiro: Imago.
- Angelini, L., Alves, I. C. B., Custódio, E. M., Duarte, W. F. & Duarte, J. L. M. (1999). *Manual de Matrizes Progressivas Coloridas de Raven: Escala Especial*. São Paulo: Centro Editor de Testes e Pesquisas em Psicologia.
- Bassols, A. M. S., Dieder, A. L., & Valentini, M. D. (2001). A criança pré-escolar. In A. M. S. Bassols, C. L. Eizerik & F. Kapczinski (Orgs), *O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica* (pp. 91-104). Porto Alegre: Artmed.
- Bee, H. (1997). *O Ciclo Vital*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bettelheim, B. (2001). *A Psicanálise dos Contos de Fadas*. São Paulo: Paz e Terra.
- Bion, W. R. (1966). *Os elementos da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bleichmar, N. & Bleichmar, C. L. (1992). *A psicanálise depois de Freud*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Blos, P. (1998). *Adolescência: Uma Interpretação Psicanalítica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1984). *Separação: Angústia e Raiva*. São Paulo: Martins Fontes.
- Collette, A. (1971). *Introdução à Psicologia Dinâmica: das teorias psicanalíticas a psicologia moderna*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Corso, D. L., & Corso, M. (2006). *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed.
- Coulacoglou, C. (1995/2000). *Teste de los Cuentos de Hadas*. Madrid: TEA.
- Coulacoglou, C. (2002a). Construct Validation of the Fairy Tale-Test-Standardization data. *International Journal of Testing*, 2(3, 4), 217-242.
- Coulacoglou, C. (2002b). *Psychometrics & Psychological Assessment*. Athens: Pappazisis.
- Coulacoglou, C., Souyouldjoglou, M., & Atsaros, A. (2002). Un estudio de la agresividad em los niños mediante el “Test de los Cuentos de Hadas”. *Revista Oficial de Las Asociación Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, 13 (1), 9-27.
- Coulacoglou, C. & Souyouldjoglou, M. (2005). The Fairy Tale Projective Test as a means to examine psychoanalytic interpretations of fairy tales. *Psychopathology and Projective Tests*. 2 (3-4), 173-189.

- Coulacoglou, C. (2008). Fairy Tales as a building blocks: the development of the fairy tale test. In: C. Coulacoglou (Org.). *Exploring the child's personality developmental – Clinical and cross-cultural applications of the Fairy Tale* (pp. 29-46). Springfield: Charles C. Thomas Publisher LTD.
- Coulacoglou, C., & Kotsoni, E. (2008). The Application of the Fairy Tale Test in Greece. In: C. Coulacoglou (Org.). *Exploring the child's personality developmental – Clinical and cross-cultural applications of the Fairy Tale* (pp. 243-263). Springfield: Charles C. Thomas Publisher LTD.
- Coulacoglou, C., Souyouldjoglou, M., & Atsaros, A (2008). A study of aggression in children through the fairy tale test. In: C. Coulacoglou (Org.). *Exploring the child's personality developmental – Clinical and cross-cultural applications of the Fairy Tale* (pp. 63-47). Springfield: Charles C. Thomas Publisher LTD.
- Dorsch, F., Hacker, H., & Stapf, K-H. (2001). *Dicionário de Psicologia*. Petrópolis: Vozes.
- Fante, C. (2005). *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas: Versus.
- Ferreira, A. B. H. (1999). *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Ferreira, M.; & Araújo, M. (2001). A idade escolar: latência (6 a 12 anos). In: A. M. S. Bassols, C. L. Eizerik & F. Kapczinski (Orgs). *O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica* (pp. 105-115). Porto Alegre: Artmed.
- Freud, A. (1986). *O ego e os mecanismos de defesa*. (8ª. Ed). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Freud, S. (1905/1989). Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. In: S. Freud. *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. 6, (pp.118-216). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1914/1976). Sobre o narcisismo: Uma introdução. In: S. Freud. *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. 14, (pp. 85-119). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1920/1976). Além do princípio do prazer. In: S. Freud. *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. 18, (pp.13-90). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1930 [1929] 1974). Mal-estar na civilização. In: S. Freud. *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. 21, (pp.75-279). Rio de Janeiro: Imago.

- Fromm, E. (1973). *Anatomia da Destrutividade Humana*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Futterman, S. (1969). Suicídio: el punto de vista psicoanalítico. In: N. L. Farberow & E. S. Sheidman (Orgs.). *¡Necesito ayuda! Un estudio sobre el suicidio y su prevención* (pp. 175-190). México: La Prensa Médica Mexicana.
- Gazzaniga, M. S., & Heatherton, T. F. (2005). *Ciência Psicológica: mente cérebro e comportamento*. Porto Alegre: Artmed.
- Gerrig, R. J., & Zimbardo, P. G. (2005). *A Psicologia e a Vida*. Porto Alegre: Artmed.
- Hartup, W. W. (1974). Agression in Childhood: developmental perspectives. *American Psychologist*, 336-341.
- Hinshelwood, R. D. (1992). *Dicionário do pensamento kleiniano*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Kernberg, O. (1994). Ódio como um sentimento central da Agressão. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 28 (3), 523-542.
- Kernberg, O. (1989). *Mundo Interior e Realidade Exterior*. Rio de Janeiro: Imago.
- Klein, M. (1927). Tendencias criminales en niños normales. In: M. Klein (Org.). *Obras Completas: contribuciones al psicoanálisis* (Vol. 2, pp. 165-178). Buenos Aires: Paidós-Horme.
- Klein, M. (1974). *Inveja e gratidão*. Rio de Janeiro: Imago.
- Klein, M. (1975a). *Amor, ódio e reparação: as emoções básicas do homem do ponto de vista psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago.
- Klein, M. (1975b). *Psicanálise da criança*. São Paulo: Mestre Jou.
- Kusnetzoff, J. C. (1982). *Introdução à psicopatologia psicanalítica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- La Porta, E. M. (1984). A Agressividade na Sociedade Contemporânea: um enfoque psicanalítico. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 18, 411-417.
- Landis, J. R., & Koch, G. G. (1977). The measurement of observer agreement for categorical data. *Biometrics*, 33, 159-174.
- Laplanche, J., & Pontalis, J. (1983). *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Laplanche, J. (1988). A pulsão de morte na teoria da pulsão sexual. In: A. Green, J. Laplanche, H. Segal, E. Rechar & C Yorkedt. *A pulsão de morte* (pp. 13-29). São Paulo: Escuta.
- López, V. B., & Nunes, M. L. T. (2003). A latência e sua relação com a cultura. *Psicologia Argumento*, 21 (34), 27-34.

- Marcelli, D. (1998). *Manual de psicopatologia da infância de Ajuriaguerra* (5ª. Ed). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Pavarino, M. G., Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2005). Agressividade e empatia na infância: um estudo correlacional com pré-escolares. *Interação em Psicologia*, 9 (2), 215-225.
- Rapaport, D. (1971). *Tests de Diagnóstico Psicológico*. Buenos Aires: Paidós.
- Rappaport, C. R; Fiori, W. R., & Davis, C. (1981). *Psicologia do desenvolvimento* (Vol. 4). São Paulo: EPU.
- Sarnoff, C. A. (1995). *Estratégias Psicoterapêuticas nos anos de latência*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Segal, H. (1975). *Introdução à obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago.
- Souza, M. A (2001). Intervenção psicoterapêutica em meninos agressivos escolares como prevenção de comportamento transgressor futuro. *Psicologia Teoria e Prática*, 3 (2), 21-35.
- Stata Corporation (2005). *Stata base reference manual: release 9*. College Station: Stata Press.
- Tyson, P. (1993). *Teorias psicanalíticas do desenvolvimento: uma integração*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Vitiello, B., & Stoff, D. (1997). Subtypes of aggression and their relevance to child psychiatry. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 36 (3), 307-315.
- Urribarri, R. (1999). Descorriendo el velo sobre el trabajo de la latencia. *Revista Latino-Americana de Psicanálise*, 3 (1), 257-292.
- Werlang, B. S. G., Fensterseifer, L. & Lima, G. Q. (2008). Teste de Apercepção Familiar – FAT. In: A. E. de Villemor-Amaral & B. S. G. Werlang (Orgs.). *Atualizações em Métodos Projetivos para Avaliação Psicológica* (pp. 171-181). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Werlang, B. G., & Macedo, M. M. K. (2008). O teste dos contos de fadas. In: A. E. de Villemor-Amaral & B. S. G. Werlang (Orgs.). *Atualizações em Métodos Projetivos para Avaliação Psicológica*. (pp. 183-192). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Werlang, B. S. G., Sá, S. D., & Macedo, M. M. K (2006). A agressão e o ser humano: uma relação inevitável. In: M. S. Oliveira & B. G. Werlang (Orgs.). *Temas em Psicologia Clínica* (pp. 57-65). Porto Alegre: Casa do Psicólogo.

- Winnicott, D. W. (1939). Agressão e suas raízes. In: D. W. Winnicott, *Privação e delinqüência* (pp. 93-117). São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (1950). A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional. In: D. W. Winnicott, *Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas* (pp. 288-304). Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (1956). A tendência anti-social. In: D. W. Winnicott, *Privação e delinqüência* (pp. 133-147). São Paulo: Martins Fontes.
- Young-Bruehl, E. (1992). *Anna Freud: uma bibliografia*. Rio de Janeiro: Imago.

ANEXOS

Anexo A
Carta de Aprovação da Comissão Científica da Faculdade de
Psicologia da PUCRS



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Faculdade de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Ofício 052/2007 – CIHJ

Porto Alegre, 25 de outubro de 2007.

Senhor(a) Pesquisador(a)

A Comissão Científica da Faculdade de Psicologia da PUCRS apreciou e aprovou seu protocolo intitulado **"Agressividade no período da latência Através do Teste de Contos de Fadas"**.

Sua investigação está autorizada a partir da presente data, sem a necessidade de passar pelo Comitê de Ética, devido características específicas da pesquisa, e estar vinculada a um projeto maior da Profa. Dra. Blanca Susana Guevara Werlang, o qual já possui aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS sob o número CEP 0662/07.

Atenciosamente



Prof. Dra. Adriana Wagner

Coordenadora da Comissão Científica da FAPSI

Ilmo(a) Sr(a)

Prof. Dra. **Blanca Susana Guevara Werlang** e Mestranda **Renata Rezende Lovera**
Faculdade de Psicologia

Nesta Universidade

PUCRS

Campus Central
Av. Ipiranga, 6681 – P. 11- 9º andar – CEP 90619-900
Porto Alegre – RS – Brasil
Fone: (51) 3320-3500 – Fax (51) 3320 – 3633
E-mail: psicologia-pg@pucrs.br
www.pucrs.br/psipos

Anexo B
Carta de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Ofício 0662/07-CEP

Porto Alegre, 18 de junho de 2007.

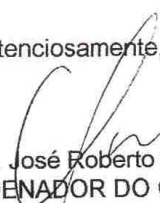
Senhor(a) Pesquisador(a):

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS
apreciou e aprovou seu protocolo de pesquisa registro CEP 07/03554, intitulado:
“Adaptação brasileira do teste dos contos de fadas (the fairy tale test)”.

Sua investigação está autorizada a partir da
presente data.

Relatórios parciais e final da pesquisa devem ser
entregues a este CEP.

Atenciosamente,


Prof. Dr. José Roberto Goldim
COORDENADOR DO CEP-PUCRS

Ilmo(a) Sr(a)
Profa Blanca Susana Guevara Werlang
N/Universidade

PUCRS

Campus Central
Av. Ipiranga, 6690 – 3º andar – CEP: 90610-000
Sala 314 – Fone Fax: (51) 3320-3345
E-mail: cep@pucrs.br
www.pucrs.br/prppg/cep

Anexo C
Carta para os Pais ou Responsáveis

CARTA PARA OS PAIS OU RESPONSÁVEIS

Porto Alegre, _____ de _____ de 2007.

Senhores Pais ou Responsáveis,

Estamos realizando um trabalho de pesquisa na Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS com crianças entre 6 e 13 anos, estudantes de escolas públicas e privadas, do sexo masculino e feminino. Este estudo está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS, aqui representado pelas psicólogas Dra. Blanca Susana Guevara Werlang e Dra. Mônica Medeiros Kother Macedo.

Sabemos, devido a nossa experiência profissional, que para um instrumento de avaliação psicológica ser utilizado com segurança esse deve apresentar características que possibilitem confiança nos dados que produzem. Torna-se necessário então, a adaptação do mesmo para a realidade brasileira. Assim sendo, o objetivo deste estudo é a adaptação do Teste dos Contos de Fadas – TCF, elaborado na Grécia. Este teste tem o intuito de poder ser um instrumento confiável para a identificação de aspectos da dinâmica da personalidade infantil. Dessa forma, torna-se importante verificar o tipo de respostas dadas ao instrumento por crianças entre 06 e 13 anos de idade, considerando a realidade brasileira.

Gostaríamos, então, de contar com sua valiosa colaboração, no sentido de autorizar a participação de seu (sua) filho (a) na pesquisa. Para isso é necessário que os pais ou responsáveis preencham uma ficha de dados sociodemográficos e assinem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A criança deverá responder, a dois instrumentos: o Teste Matrizes Progressivas Coloridas de Raven - Escala Especial (para crianças de 6 a 11 anos) ou o Teste Matrizes Progressivas - Escala Geral (para os de 12 e 13 anos) para avaliar o nível de rendimento intelectual e o Teste dos Contos de Fadas – TCF. Os instrumentos serão aplicados dentro do próprio contexto escolar (em dois encontros de aproximadamente 45 minutos), com a respectiva autorização institucional, não devendo acarretar em danos ao andamento normal das atividades curriculares. Em princípio, o maior incômodo a que seu (sua) filho (a) estará submetido será a disposição de tempo para responder aos instrumentos, e o maior benefício será a participação em um trabalho científico.

As informações obtidas através dos instrumentos serão de caráter confidencial; a elas só terão acesso os pesquisadores diretamente envolvidos na pesquisa, que analisarão os dados do ponto de vista estatístico de sua representatividade para o grupo de crianças em estudo. Com isso, pretendemos manter o caráter científico, ético e profissional da referida pesquisa.

Desde já agradecemos muito a sua colaboração e solicitamos que a Ficha de Dados Demográficos, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em anexo, sejam enviados **completamente preenchidos**, através de seu filho (a), para a escola, em um prazo de dois dias. Esta carta, bem como uma cópia do Termo de Consentimento ficarão com você.

Dra. Blanca S. Guevara Werlang
CRP 07/02126

Dra. Mônica M. Kother Macedo
CRP 07/03039

Anexo D
Ficha de Dados Pessoais e Sociodemográficos

FICHA DE DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Instituição: _____

Data: _____

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DA CRIANÇA

Nome: _____

Data de Nascimento: ____/____/____ Idade: _____

Série Atual: _____

Repetiu alguma série?

Não Sim Quantas vezes? _____

Qual série? _____

Como tem sido atualmente, seu desempenho na escola?

Ótimo Bom Regular Ruim

Já foi suspenso (a) ou expulso (a) da escola? Por quê?

Os professores têm queixas a seu respeito?

Não Sim

Quais são as queixas?

Falta de atenção Desorganização Falta de interesse

Não realiza as tarefas escolares Conduta inadequada: palavrões, brigas...

Outras

Desde quando? _____

Apresenta alguma doença Física? Não Sim

Qual? _____

Apresenta alguma doença Psicológica? Não Sim

Qual? _____

Faz ou fez algum tipo de tratamento?

Não Sim

Médico e/ou Psicológico

Quais? _____

Toma medicamentos? Não Sim

Quais medicamentos? _____

DADOS FAMILIARES:

Com quem mora a criança?

 Pai Idade:_____ Ocupação:_____

Escolaridade: _____

 Mãe Idade:_____ Ocupação:_____

Escolaridade: _____

 Madrasta/Padrasto Idade:_____ Ocupação:_____

Escolaridade: _____

 Irmãos: Quantos?_____

Idade: _____ Sexo:_____ Escolaridade:_____

Idade: _____ Sexo:_____ Escolaridade:_____

Idade: _____ Sexo:_____ Escolaridade:_____

 Avô/Avó **Outros:** _____(Especifique)**RENDA FAMILIAR:**

Até 1 salário mínimo ()

1 a 3 salários mínimos ()

3 a 5 salários mínimos ()

Acima de 5 salários mínimos ()

DOS ITENS ABAIXO, ASSINALE QUAIS E QUANTOS VOCÊ POSSUI EM SUA RESIDÊNCIA.

Itens	Não tem	Tem			
		1	2	3	4 ou +
Televisão a cores	0	1	2	3	4 ou +
Rádio	0	1	2	3	4 ou +
Banheiro	0	1	2	3	4 ou +
Automóvel	0	1	2	3	4 ou +
Empregada mensalista	0	1	2	3	4 ou +
Aspirador de pó	0	1	2	3	4 ou +
Máquina de lavar	0	1	2	3	4 ou +
Videocassete e/ou DVD	0	1	2	3	4 ou +
Geladeira	0	1	2	3	4 ou +
Freezer (aparelho independente ou parte da geladeira duplex)	0	1	2	3	4 ou +

Anexo E**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos Pais e/ou Responsáveis**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Estamos solicitando sua autorização para que seu (sua) filho (a) possa participar da presente pesquisa, que está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Este estudo tem como principal objetivo investigar o tipo de respostas dadas ao Teste dos Contos de Fadas (TCF) por crianças entre 06 e 13 anos de idade. Tal estudo prevê a participação de crianças, estudantes de escolas públicas e privadas, do sexo masculino e feminino. Para tanto é necessário que as crianças respondam a dois instrumentos: o Teste Matrizes Progressivas Coloridas de Raven – Escala Especial (para crianças de 6 a 11 anos) ou o Teste Matrizes Progressivas - Escala Geral (para os de 12 e 13 anos) para avaliar o nível de rendimento intelectual e o Teste dos Contos de Fadas – TCF, técnica de avaliação clínica para identificar diversas dimensões da personalidade infantil. Essa atividade será realizada na própria instituição escolar, sem prejuízo das atividades escolares, em 2 encontros de aproximadamente 45 minutos, sob a coordenação das psicólogas responsáveis pelo estudo Dra. Blanca Susana Guevara Werlang e Dra. Mônica Medeiros Kother Macedo. Os dados obtidos através destes instrumentos serão mantidos em sigilo e colocados anonimamente à disposição dos pesquisadores responsáveis pelo estudo. O maior desconforto para as crianças será o tempo que deverão dispor para responder aos instrumentos. O benefício será a contribuição pessoal para o desenvolvimento de um estudo científico.

Eu, _____ (nome do pai, mãe ou responsável pela criança) fui informado (a) dos objetivos especificados acima, de forma clara e detalhada. Recebi informações específicas sobre o procedimento no qual meu (minha) filho (a) estará envolvido (a), do desconforto previsto, tanto quanto do benefício esperado. Todas as minhas dúvidas foram respondidas com clareza e sei que poderei solicitar novos esclarecimentos a qualquer momento através do telefone (51) 3320-3550. Sei que novas informações obtidas durante o estudo me serão fornecidas e que terei liberdade de retirar meu consentimento de participação do meu (minha) filho (a) na pesquisa em face dessas informações. Fui certificado de que as informações por meu (minha) filho (a) fornecidas terão caráter confidencial.

Declaro que recebi cópia do presente termo de consentimento livre e esclarecido.

Nome do Responsável: _____

Assinatura do Responsável

Data

Dra. Blanca S. Guevara Werlang
CRP 07/02126

Dra. Mônica M. Kother Macedo
CRP 07/03039

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L911a Lovera, Renata de Rezende

Agressividade no período da latência através do teste contos de fadas / Renata de Rezende Lovera. – Porto Alegre, 2009.

90 f.

Diss. (Mestrado) – Faculdade de Psicologia, Pós-Graduação em Psicologia Clínica, PUCRS.

Orientador: Dra. Blanca Susana Guevara Werlang.

1. Agressividade. 2. Crianças - Período de Latência. 3. Violência. 4. Psicanálise. I. Werlang, Blanca Susana Guevara. II. Título.

CDD 155.4

Bibliotecário Responsável

Ginamara Lima Jacques Pinto
CRB 10/1204